



Coro della Diocese di Roma



Monsenhor Marco Frisina: 'A música deve mudar as pessoas'

Fundador e maestro do Coro da Diocese de Roma e autor de numerosas composições que marcaram grandes celebrações da Igreja, o Monsenhor Marco Frisina participará do 1º Congresso Internacional de Coros, em Campinas (SP), entre os dias 28 e 30. Antes, no dia 26, realiza um concerto beneficente na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, na capital paulista.

Em entrevista exclusiva ao **O SÃO PAULO**, o maestro fala sobre sua trajetória, a música litúrgica e sacra, o papel dos coros, suas composições e os desafios da música na Igreja hoje. Ele ressalta que não é a linguagem que torna a música sagrada, "mas a qualidade com que expressa, de maneira compreensível, aquilo que deve expressar". Comenta, ainda, que uma música claramente orientada para uma finalidade "possui um poder incrível de levar as pessoas a crer, de aproximá-las e conduzi-las à oração".

Página 7

Encontro com o Pastor

Sem uma boa catequese, a transmissão da fé e a vida eclesial ficam comprometidas

Página 2

Editorial

Catequista: mestre e mistagogo, em profunda comunhão com Deus

Página 4

Espiritualidade

Santo Agostinho aponta caminhos para se viver com sentido no mundo de hoje

Página 5

Papa Leão XIV afirma que o mundo precisa do entusiasmo, da caridade e da fidelidade dos jovens

Em visita pastoral à cidade italiana de Rimini, no sábado, 22, o Papa Leão XIV participou do 47º Encontro pela Amizade entre os Povos, um festival cultural e internacional, realizado desde 1980 por integrantes do movimento católico Comunhão e Libertação.

Ao saudar os jovens que estavam na atividade, o Pontífice destacou que são eles que sabem construir a comunhão por meio da amizade e do respeito mútuo, e enfatizou: "O mundo precisa de vocês, do seu entusiasmo, da sua caridade e da sua fidelidade".

No mesmo dia, Leão XIV esteve em San Marino, pequeno país europeu que é a mais antiga república do mundo, fundada no ano de 301 e que conseguiu se manter soberano e independente de outras potências desde então. O Santo Padre sublinhou que não há verdadeira liberdade civil sem liberdade pessoal: "Essa liberdade é concedida e garantida, em última instância, por Deus, cuja voz ressoa na consciência de cada ser humano".

Página 16



'Assim como no céu, também na terra o amor é a lei da vida, o caminho da redenção', enfatiza o Papa no 'Encontro de Rimini'

Igreja Católica Armênia celebra primeira ordenação diaconal em São Paulo

Página 3

Em SP, congresso missionário recorda o centenário do Dia Mundial das Missões

Página 9

Há 80 anos, PUC-SP destaca-se por excelência acadêmica e defesa da verdade

Página 8

A paz desarmada e desarmante é fruto do amor e da coragem que nascem da fé

Renovar o coração para resistir à violência e vencê-la. Este constante chamado do Papa Leão XIV desde o início do seu pontificado é destacado nesta edição do *Caderno Fé e Cultura*. Diante das guerras entre as nações, dos conflitos cotidianos, do culto à força e à agressividade e das tensões na política – que, no Brasil, tendem a ser ainda mais intensas nos próximos meses por ocasião das eleições – a proposta cristã é inequívoca: servir o próximo com amor, por meio do exercício comunitário do perdão, da escuta e da partilha, para construir a paz "desarmada e desarmante", querida por Deus e pedida pelo Santo Padre.



Reprodução



CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Catequese como iniciação à vida cristã

O 5º domingo de agosto, mês das vocações, é dedicado à vocação dos catequistas, que desempenham uma missão fundamental no processo de evangelização. Manifesto, por isso, meu sincero apreço e reconhecimento da Igreja pelo valioso serviço que prestam às nossas comunidades. Que Deus os abençoe e lhes dê alegria e perseverança.

A catequese é a ação de formação cristã constante do cristão; ela se dá em um processo, por etapas, desde a primeiríssima e importante catequese que acontece ainda no colo dos pais e no seio da família, passando pelas etapas da iniciação cristã sistemática, iniciação à vida da Igreja, aos mistérios da fé e da vida litúrgica e da formação da consciência cristã, das virtudes e atitudes morais coerentes como o Evangelho. Ninguém nasce cristão pronto nem sabendo como deve viver o cristão. Aprende-se, passo a passo, passando por várias etapas.

A esse processo dá-se o nome de iniciação à vida cristã, e os catequistas são os “pedagogos da fé” para seus irmãos, quer pequenos, quer jovens ou adultos.

Nosso sínodo arquidiocesano (2017-2023) evidenciou a necessidade de uma atenção muito especial à catequese e à formação cristã em todas as paróquias e demais expressões da vida comunitária: “A catequese é essencial no processo de evangelização, na transmissão da fé cristã e na gradual iniciação e inserção na prática da fé e da vida eclesial. Sem uma boa catequese, o futuro da transmissão da fé e da vida eclesial fica seriamente comprometido” (Carta Pastoral *Comunhão, Conversão e Renovação Missionária* [2023], nº 8).

Para promover a renovação do processo catequético, nossa Arquidiocese reorganizou a catequese, elaborando e publicando o *Diretório Arquidiocesano da Catequese*, levando em conta as propostas e indicações elaboradas pelo nosso sínodo e os documentos essenciais do Magistério da Igreja relativos à catequese. O *Diretório Arquidiocesano da Catequese* serve para nortear a ação catequética em toda a Arquidiocese de São Paulo e já está em vigor e foi estudado pelo clero no curso de aprofundamento teológico deste ano. Não se deixou de tratar nele dos objetivos da catequese, dos itinerários, dos tempos e idades, dos principais responsáveis pela catequese, da vocação dos catequistas e de sua formação, e da catequese em tempos de cultura digital. A principal finalidade do *Diretório* é a promoção da boa catequese, coerente

com a comunhão eclesial, da conversão e da renovação missionária por meio do processo catequético.

Alguns conceitos são básicos no *Diretório*. Antes de tudo, a catequese é uma ação eclesial e a própria comunidade da Igreja é o principal sujeito da catequese. Os catequistas, portanto, não realizam ações isoladas ou privadas, nem agem em nome próprio, mas exercem uma missão eclesial e, portanto, devem fazer uma catequese sintonizada com a Igreja, sua fé, seus ensinamentos e sua vida. Outro conceito importante refere-se ao método: toda catequese tem algo de “escola” e requer uma pedagogia própria. Mas ela está longe de se reduzir a um cursinho para um mero aprendizado intelectual de algumas noções. Na catequese, transmitem-se conhecimentos e se espera que sejam compreendidos e aprendidos, mas também acolhidos na vida. Por isso, o método da catequese leva sempre em conta a formação do cristão e a prática da vida cristã. A boa catequese não só fala da oração, mas ensina a rezar; não apenas trata da missa, mas leva a participar da missa; não só fala da caridade, mas leva à experiência da ação caritativa.

Um terceiro conceito fundamental é este: a catequese é um processo de iniciação à vida cristã e de formação contínua na fé. Ninguém sai “diplomado” depois de meio ano, um ou dois anos de catequese. Na vida cristã, so-

mos aprendizes a vida inteira, até que Nosso Senhor nos conceda “o prêmio da vida eterna”... A catequese inicial, seja de crianças, seja de jovens ou adultos, “introduz” nos mistérios da fé e da vida cristã e supõe que o cristão, assim “iniciado”, continue a crescer na fé e na prática da vida cristã, avance, amadureça e produza frutos de virtude pela perseverança na fé.

Enfim, hoje se recorda sempre mais que a catequese desempenha o papel de um catecumenato pós-batismal. Quem é batizado jovem ou adulto deve fazer antes o catecumenato pré-batismal de iniciação à vida cristã, conforme as prescrições do *Rito de Iniciação Cristã de Adultos* (Rica). Quem já foi batizado como criança, não fez esse catecumenato antes do Batismo. Assim, a catequese de iniciação à vida cristã deve suprir o papel do catecumenato, sobretudo para quem não recebeu ainda os elementos básicos da fé e da vida cristã. E a catequese com jeito catecumenal prevê passos progressivos de iniciação à fé e à prática da vida cristã.

Os frutos de uma boa catequese, certamente, serão muitos e os principais beneficiários os catequizandos: crianças, adolescentes, jovens e adultos. A comunidade eclesial inteira sairá ganhando. E estaremos cumprindo o mandato recebido de Jesus Cristo: anunciar o Evangelho a toda criatura e ensinar a observar o que Ele ensinou (cf. Mt 28,19-20).



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo, Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições, cria novas experiências e desperta sensações únicas. É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA

RESERVA



Beba com moderação.



Igreja Católica Armênia celebra primeira ordenação diaconal de sua história em São Paulo

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A comunidade católica armênia de São Paulo viveu um momento histórico no domingo, 23, com a primeira ordenação diaconal realizada na Paróquia Armênia Católica São Gregório Iluminador, no bairro da Luz. O subdiácono Mário (Mesrop) Nakashian Filho recebeu o primeiro grau do sacramento da Ordem em celebração presidida por Dom Vartan Waldir Boghossian, Bispo Emérito do Exarcado Apostólico Armênio.

A liturgia em rito armênio contou com a presença do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo e Administrador Apostólico do Exarcado para os fiéis de rito armênio da América Latina residentes no Brasil, que proferiu a homilia. Também participaram sacerdotes do Exarcado, entre eles o Padre Antônio Francisco Lelo, Pároco, familiares, membros de instituições da cultura armênia e representantes de outras comunidades cristãs.

Entre eles estava Dom Narek Berberian, Arcebispo ortodoxo da Igreja Apostólica Armênia no Brasil, na qual o novo diácono também vivenciou parte de sua formação na juventude, além de representantes de outras confissões cristãs.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Ordenação diaconal ocorre na Paróquia Armênia Católica São Gregório Iluminador

FRUTO VOCACIONAL

Batizado e crismado na própria Paróquia São Gregório Iluminador por Dom Vartan, Mário teve sua trajetória marcada desde cedo pela ligação com a comunidade armênia. Após o falecimento da mãe ainda criança e, anos mais tarde, do pai, foi criado pela avó materna e pela irmã.

Estudou no Externato José Bonifácio, a Escola Armênia, e, aos 18 anos, foi para a Universidade Gevorgian, em Etchmiadzin, na Armênia, na qual, por cinco anos, aprofundou o conhecimento da língua, da liturgia e da tradição eclesial armênia.

De volta a São Paulo, aproximou-se do então Exarca, Dom Paulo Hakimian, e acolheu o convite para prosseguir a formação como seminarista em Roma. Desde 2022, reside no Pontifício Colégio Armênio e realiza estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana, na qual está concluindo o bacharelado em Teologia. Com a ordenação, foi incardinado no Exarcado Apostólico Armênio para a América Latina e o México.

GRANDE GRAÇA

Dom Odilo definiu a ordenação como uma “grande graça” para o novo diácono e para toda a comunidade,

destacando tratar-se do “primeiro fruto vocacional” da Paróquia: “Queira Deus que outros frutos maduros venham a surgir também no meio das famílias desta comunidade armênia”.

Na homilia, o Cardeal recordou a origem do diaconato nos Atos dos Apóstolos e destacou três dimensões deste ministério: a caridade, a Palavra de Deus e a liturgia. Também ressaltou o cuidado com os pobres, enfermos, idosos e esquecidos; o anúncio do Evangelho, sendo “praticantes e testemunhas” da Palavra; e o serviço ao altar e à Eucaristia, inclusive junto àqueles que não podem participar das celebrações.

A EXEMPLO DE JESUS E DE MARIA

A ordenação aconteceu durante o período em que a tradição armênia celebra a Assunção da Virgem Maria. Dom Odilo relacionou a festividade ao ministério recebido por Mário, apresentando Nossa Senhora como modelo de disponibilidade à vontade de Deus.

Ao concluir, o Arcebispo recordou que todo ministério ordenado encontra em Cristo seu modelo: “Nós não estamos para procurar glórias para nós, estamos para servir a exemplo de Jesus”. E dirigiu-se ao novo diácono: “Este é o teu chamado, esta é a tua consagração a serviço de Deus e da humanidade”.

Colaborou: Fernando Arthur

MISSA EM PARÓQUIA NA VILA BEATRIZ



Na noite de domingo, 23, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, presidiu missa na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Beatriz, Decanato São Simão da Região Lapa. A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre José Edson Santana Barreto, Pároco.

(com informações de Benigno Naveira)

CONDECORAÇÃO COM A MEDALHA EXÉRCITO BRASILEIRO



Na terça-feira, 25, data em que se comemorou o Dia do Soldado, o Cardeal Odilo Pedro Scherer foi condecorado com a Medalha Exército Brasileiro, durante cerimônia realizada no Quartel-General do Comando Militar do Sudeste (CMSE), no bairro do Paraíso, na capital paulista. A honraria, concedida a personalidades civis, militares e instituições que praticaram ação relevante em prol do nome do Exército Brasileiro, foi entregue ao Arcebispo Metropolitano de São Paulo pelo General do Exército Ricardo Piai Carmona, atual Comandante Militar do Sudeste.

(por Redação – com informações do site da Secretaria-Geral do Exército e do CMSE)



INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota MÁXIMA no MEC, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.**

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto “Vamos Sonhar Juntos”

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
www.unifai.edu.br



(11) 5087-0187

Editorial

A vocação do catequista

Neste quinto domingo de agosto, a Igreja no Brasil celebra a vocação do catequista. O chamado para ensinar, evangelizar e ser um dos primeiros guias de alguém na fé é um dos mais nobres e importantes que um católico pode assumir em sua paróquia. Por livre e espontânea vontade, aquele que generosamente contribui com sua comunidade realiza, em muitos aspectos, um elevado sacrifício pessoal: oferece seu tempo, seu estudo e seu amor para proporcionar o que muitas vezes é o primeiro encontro de seus catequizandos com Cristo. Vale, portanto, recordar algumas características desta bela missão e as responsabilidades que ela implica.

Em muitas ocasiões, o catequista é visto como um “professor”. Ambos possuem muitas semelhanças: educam, transmitem conhecimentos, acompanham os alunos e procuram favorecer seu crescimento. Entretanto, diferenciam-se em um ponto fundamental: o professor tem como finalidade própria a formação humana e intelectual de seus alunos, por

meio do ensino das diversas matérias. Já o catequista tem como principal finalidade conduzir o catequizando ao encontro e à comunhão com Cristo. Em outras palavras, a catequese não visa apenas a fazê-lo conhecer conteúdos religiosos, mas também a ajudá-lo a entrar em intimidade com Jesus e viver como seu discípulo.

Nota-se, assim, o que torna o serviço do catequista uma verdadeira vocação no seio da Igreja: em comunhão com os bispos, sacerdotes e toda a comunidade eclesial, ele participa do mandato missionário deixado por Jesus: “Ide, pois, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Reconhece, dessa maneira, que Deus o chama a colocar seus dons, seu tempo e sua vida a serviço da Igreja e da evangelização. Inflamados de amor por Cristo, os catequistas dedicam-se de corpo e alma a anunciar Sua pessoa, Sua verdade e Sua graça.

Contudo, uma missão tão elevada traz consigo também responsabilidades. Um personagem bíblico que ilustra bem a postura ideal de um catequista é São João Ba-

tista, aquele que “prepara os caminhos do Senhor”. De forma semelhante, o catequista prepara o coração dos catequizandos para que possam ter um encontro pessoal com Cristo. Além disso, como disse São João Paulo II, “[João Batista] mostra grande coragem ao anunciar a vontade de Deus a todos, mesmo até as últimas consequências, e não cede à fácil tentação de assumir um papel de destaque, mas humilha-se para exaltar Jesus.” Analogamente, o catequista deve transmitir fielmente o conteúdo da Revelação, sem corrompê-la por comodismo ou convivência, e ser exemplo de cristão que conforma sua vida ao amor de Deus.

Para cumprir adequadamente esse chamado, deve também aprofundar continuamente o conhecimento da fé que recebeu e é chamado a transmitir. Não basta a boa vontade ou o desejo sincero de servir: aquele que ensina em nome da Igreja deve estudar a Palavra de Deus, conhecer a doutrina católica e buscar uma formação cada vez mais sólida. Ao mesmo tempo, o conhecimento da fé deve estar unido a uma profunda vida de oração e à comunhão com Deus. Afinal, como conduzir outros

ao encontro com Cristo sem procurá-Lo diariamente? O catequista é chamado a falar Dele, mas também a falar com Ele; a transmitir seus ensinamentos e a conformar a própria vida à Sua Palavra. Quanto mais unido estiver ao Senhor, mais fielmente poderá ser seu instrumento na formação daqueles que lhe são confiados.

Por isso, neste Dia dos Catequistas, toda a Igreja é convidada a reconhecer com gratidão o serviço generoso de tantos homens e mulheres que dedicam seu tempo e seus talentos à transmissão da fé. Aos fiéis, cabe rezar por eles, incentivá-los e ampará-los, conscientes de que a catequese é responsabilidade de toda a comunidade eclesial. Aos catequistas, renovamos a exortação para que perseverem com alegria e humildade em sua vocação, mantendo-se sempre fiéis a Cristo, à verdade do Evangelho e ao ensinamento da Igreja, em comunhão com seus pastores. Que, a exemplo de São João Batista, saibam apontar para o Senhor e diminuir-se para que Ele cresça, conduzindo muitos ao conhecimento, ao amor e à comunhão com Jesus Cristo.

Opinião

Celebrando a PUC-SP

RUBENS NAVES* E GUILHERME AMORIM CAMPOS DA SILVA**

Em 22 de agosto, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) completou 80 anos de fundação, com um legado inafastável na história brasileira e a perspectiva dos enfrentamentos que a realidade contemporânea impõe.

Além da produção acadêmica e da pesquisa em suas inúmeras faculdades e centros de referência, a PUC-SP constituiu um legado especial na resistência à ditadura militar e às tentativas de agressão ao Estado de direito. De igual forma, na luta pelo respeito aos direitos humanos e pela promoção do direito ao desenvolvimento, tornou-se espaço de reflexão na busca do diálogo e da militância pela paz: verdadeira Casa da Cidadania em São Paulo.

Esse agir histórico é com propósito

transformador: decorre da própria natureza institucional da PUC-SP como autêntica universidade comunitária. Mantida pela Fundação São Paulo – pessoa jurídica de fins não econômicos, de vocação filantrópica e confessional, vinculada à Mitra Arquidiocesana de São Paulo –, a Universidade assume, em sua própria missão institucional, o compromisso com a liberdade de investigação, de ensino e de manifestação do pensamento, sempre em vista da realização de sua função social. É esse caráter comunitário – plural, permeável às demandas da sociedade civil e orientado ao interesse público, no espírito que viria a inspirar, décadas mais tarde, o marco legal das instituições comunitárias de educação superior (Lei nº 12.881/2013) – que explica por que a PUC-SP pôde, em momentos de exceção institucional, oferecer-se como abrigo à livre circulação de ideias, quando

as próprias estruturas do Estado falharam nesse papel.

A Universidade Católica tem, no presente, o desafio de construir e difundir o conhecimento do futuro, em face da revolução tecnológica, das mudanças climáticas, da ameaça demográfica e dos atentados à democracia.

Nesse contexto, os impactos do uso da inteligência artificial constituem um vasto campo para o exercício da responsabilidade universitária. Promover o engajamento de estudantes e professores, pesquisadores e cientistas poderá fazer a diferença em escala civilizacional, zelando sempre pelo respeito à sua dignidade profissional.

Celebrar 80 anos de história é, por isso, também um exercício de projeção. A melhor forma de honrar, ainda mais, esse relevante legado é romper barreiras – físicas e simbólicas – que ainda distan-

ciam a Universidade da sociedade que a constituiu e a legítima: abrir-se ao diálogo permanente com o poder público, com as organizações da sociedade civil e os movimentos sociais, com as periferias e com as novas gerações, investindo nos seus territórios e colocando a produção acadêmica a serviço das urgências do tempo presente – verdadeira transição –, sem abrir mão do rigor científico nem do compromisso ético-humanista. Se, no passado, a PUC-SP foi Casa da Cidadania por resistir, no futuro continuará sendo por antecipar: por transformar seus limites em pontes e sua tradição em bússola para os desafios apontados.

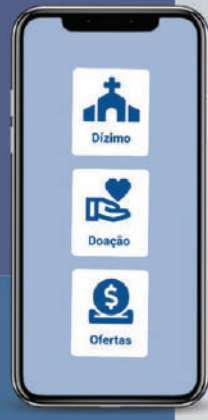
***Rubens Naves** é advogado – turma de 1966 da Faculdade de Direito da PUC-SP e ex-professor do Departamento de Teoria Geral do Direito;
****Guilherme Amorim Campos da Silva** é advogado – turma de 1994, Mestre (2002) e Doutor (2010) pela Faculdade de Direito da PUC-SP

*As opiniões expressas na seção “Opinião” são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, os posicionamentos editoriais do O SÃO PAULO



O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL- 1987

Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.



SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil
ECD, ECF

Folha de pagamento
EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc.

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancearia, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO



www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br
Orgeclesial
@orgeclesial

Escritório Franco
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida, Franco, SP
16 99275-1899
16 2103-6166

Escritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista, São Paulo, SP
16 99266-8613
11 2450-7344

Comportamento

Ainda gosto de pensar que o inferno está vazio

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Janeiro de 2024, noite de domingo. Nem basílica nem encíclica: a televisão italiana. Fabio Fazio perguntou ao Papa Francisco como imaginava o rosto de Deus. Francisco respondeu como o pai do filho pródigo, que não o deixa terminar o discurso, e acrescentou: “*Isto não é um dogma de fé, é uma coisa minha, pessoal: gosto de pensar que o inferno está vazio; espero que seja realidade*”. Francisco morreu em 2025. A frase sobreviveu a ele.

Sobreviveu mal compreendida. Muitos ouviram: “*O inferno não existe*”. Não foi o que Francisco disse – “gosto de pensar” é verbo de desejo, não de definição. Mas seria desonesto culpar só quem ouviu: a frase estava exposta ao equívoco, e o equívoco caiu bem.

Caiu bem: já estávamos prontos. Abolimos o inferno – não por misericórdia, mas por distração. Deixamos de crer na condenação porque já não cremos que nossos atos sejam definitivos: aprendemos a explicar o mal por tudo, menos pela liberdade. Um mundo sem inferno não é mais compassivo: é um mundo em que nada pesa – e onde nada pesa não há ninguém para salvar.

Por isso, a frase só pesa em quem supõe o inferno real.

A doutrina não se dobra. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma a existência e a eternidade do inferno (n.1035) e que “*Deus não predestina ninguém para o inferno*”: é preciso uma aversão voluntária a Deus e persistir nela até o fim (n.1037). O inferno não é arbitrariedade imposta de fora; é uma porta que o homem pode trancar por dentro. E não convém suavizar: “*Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*” (Mt 25,41). Quem espera o inferno vazio espera sabendo o que está escrito.

Há, porém, uma assimetria: a *Igreja proclama santos pelo nome e nunca declarou condenado um só homem*. Dos anjos que recusaram Deus, sabemos o destino; de homem algum, o nome.

Poucos levaram o inferno tão a sério quanto Santa Te-

resa de Ávila. No “Livro da Vida”, conta ter recebido uma visão na qual o Senhor lhe mostrou o lugar que os demônios tinham preparado “*e eu merecido, por meus pecados*”, e o descreve com minúcia de repórter: *o beco estreito, o lodo, o fogo dentro da alma*. Não fez da visão uma lista de condenados: escreveu que padeceria muitas mortes de boa vontade para livrar uma só alma. Viu o inferno e saiu da visão com uma urgência: *que nenhuma alma se perdesse*.

Em Fátima, três crianças tiveram também uma visão do inferno – e nela havia almas. Nossa Senhora não deu censo de condenados: ensinou a jaculatória – “*Levai as almas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem*”. As almas todas!

E nós, o que fazemos aqui? Não o censo. O Juízo é de Deus – ainda bem: seríamos implacáveis com o pecado alheio, indulgentes com o próprio. O que nos cabe é o resgate: o pastor deixa as noventa e nove, conta a que falta e sai.

Isso tem um nome desagradável. Há uma pessoa por quem levei meses para rezar. Quando, enfim, a incluí no Terço, percebi que pedia sua correção, não sua salvação – diferença pequena na aparência, enorme na consciência. Justiça, sim: misericórdia nunca foi impunidade. Posso julgar seus atos e desejar que responda por eles. Difícil é desejar sinceramente encontrá-la no Céu. A oração pelo inimigo é a única que não conseguimos fingir.

Agosto é o Mês Vocacional no Brasil. Falamos de padres, consagrados, casados. Antes de tudo, porém, houve um chamado que nos precedeu: *alguém nos levou à pia antes que tivéssemos opinião e nos entregou, com a fé, a conta da ovelha que falta*.

De cem almas, interessam-nos as cem.

Continuo gostando de pensar que nenhuma alma humana esteja no inferno. Não porque duvide de que exista, mas porque me assusta menos um inferno vazio do que um Céu em cuja porta eu hesitasse, por causa da companhia.

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas

Você Pergunta

‘Podemos orar por meio de mantras?’

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

Esta é a dúvida da Dolores Costa, que mora em Palmas (TO). Minha irmã, se entendermos o mantra como aquela forma de orar repetitiva em que vamos pronunciando a mesma frase, seja de louvor, seja de pedido de perdão, seja de invocação, podemos encontrar algo semelhante na nossa fé católica. Por exemplo: ladainhas, o próprio Rosário, aquele jeito oriental que muitos equivocadamente classificaram como Terço Bizantino são formas de rezar que focam a nossa atenção enquanto oramos.

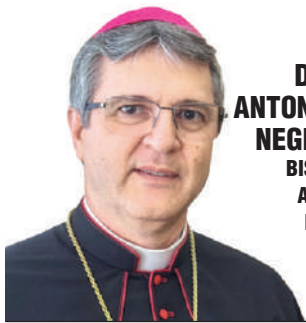
Existe uma comunidade ecumênica na França, a Comunidade de Taizé, cuja forma de rezar e louvar a Deus com cânticos repetitivos se tornou conhecida mundialmente. São salmos e invocações belíssimos que em muitas comunidades nós entoamos com um bom fruto porque favorecem o clima de contemplação, de comunhão profunda com Deus.

É bom, porém, que não tenhamos dúvidas: em nossas preces e cânticos repetitivos, adoramos o único e verdadeiro Deus e a Ele nos dirigimos. No Hinduísmo, cada deus tem seu mantra; trata-se de uma religião politeísta.

Tudo que favoreça a oração e a comunhão com Deus é bem-vindo. Este modo de rezar, portanto, pode nos ajudar muito a viver em maior comunhão com Deus.

Espiritualidade

A atualidade de Santo Agostinho



DOM MÁRCIO
ANTONIO VIDAL DE
NEGREIROS, OSA
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO SANTANA

Na proximidade da memória litúrgica de Santo Agostinho, 28 de agosto, somos convidados a redescobrir este grande mestre cuja voz continua a ecoar no coração do mundo contemporâneo. Às portas de celebrarmos dezesseis séculos de sua morte, ocorrida em 430, o Bispo de Hipona permanece extraordinariamente atual porque soube interpretar, com profundidade e honestidade, as inquietações da alma humana. Sua leitura da realidade, iluminada pelas Sagradas Escrituras, oferece respostas profundas para a Igreja e para a sociedade, especialmente em tempos de dispersão, excesso de estímulos e superficialidade.

Vivemos em uma época de hiperconnectividade: múltiplos contatos, redes sociais, informações em abundância e

participação constante na globalização das comunicações. Contudo, apesar de tantas conexões, cresce a solidão e diminui a capacidade – e até o interesse – pela busca do saber e do conhecimento. Nesse cenário, Agostinho nos recorda de que a primeira peregrinação do cristão não é para fora, mas para dentro de si. Sua espiritualidade, marcada pela interioridade, ressurge como convite urgente a reencontrar o próprio centro, a escutar a verdade que habita no coração e a recuperar o silêncio como espaço de sentido. Em uma de suas exortações, afirma: “Não saias para fora; volta-te para ti mesmo. No homem interior habita a verdade.” (*A Verdadeira Religião*, 39,72).

Essa interioridade não é intimismo, mas lugar de encontro com Deus, que conhece o coração humano melhor do que ele próprio. A inquietação que tantas vezes experimentamos, longe de ser fracasso, pode tornar-se início de conversão quando se transforma em busca sincera de si mesmo e do Senhor: “Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti.” (*Confissões*, I,1,1).

Em tempos de inteligência artificial, a intuição agostiniana ganha nova

força. Como afirma o Papa Leão XIV: “*A qualidade de uma civilização não se mede pelo poder dos meios, mas pelo cuidado que sabe oferecer, pela capacidade de reconhecer o outro como pessoa e não como função. A inteligência criativa do ser humano é um dom que pode aliviar sofrimentos e abrir possibilidades, mas deve permanecer orientada para o bem comum, para a justiça, para o cuidado dos mais frágeis e da criação*.” (encíclica *Magnifica humanitas*). Em um mundo que terceiriza a memória às máquinas e delega decisões aos algoritmos, a interioridade torna-se um ato de resistência espiritual, preservando o espaço sagrado da consciência, da liberdade e da relação com Deus.

Outra dimensão atual de Santo Agostinho é seu empenho por promover a paz. Em tempos marcados por conflitos e polarizações, Santo Agostinho nos desafia a cultivar a paz: “*Cultivai a paz entre vós. Se quiseres atrair outros para a paz, debes tê-la em primeiro lugar; sê tu, antes de mais, inabalável na paz... A paz é semelhante ao pão do milagre que cresceu nas mãos dos discípulos ao partirem-no e distribuírem-no*.” (*Sermão 137*). A paz não é simples ausência de guerra, mas harmonia que nasce quando Deus ocupa novamente o

centro da existência e orienta nossos afetos, escolhas e relações.

Sua espiritualidade também oferece um antídoto para o individualismo contemporâneo. A vida comum, tão valorizada por Agostinho, lembra que comunhão, amizade e partilha constroem sociedades mais humanas. Essa visão encontra eco no magistério da Igreja: como afirma o Papa Francisco, na *Fratelli tutti*, “*a amizade social e a fraternidade são as verdadeiras alternativas que impedem que o mundo caia em uma espiral de destruição*.” Agostinho, que fez da fraternidade um caminho para Deus, antecipa essa visão ao mostrar que ninguém se salva sozinho e que a vida comum é lugar de cura, crescimento e esperança.

Em meio às crises éticas, ambientais, tecnológicas e espirituais de nosso tempo, Santo Agostinho permanece como mestre de humanidade, apontando caminhos de profundidade, esperança e responsabilidade para quem deseja viver com sentido no mundo de hoje. Que seu exemplo nos anime a cultivar a vida interior, a buscar a verdade com humildade e a renovar diariamente o caminho da unidade com Cristo e com aqueles que caminham conosco.

E se o próximo catequista for você?

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

No último domingo de agosto, Mês Vocacional, a Igreja no Brasil rende graças a Deus pela vocação dos catequistas e reza para que mais homens e mulheres se disponham à missão de ser “simultaneamente, testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja”, como afirmou o Papa Francisco na carta apostólica *Antiquum Ministerium*.

Natália Claro, 35, catequista desde 2020 na Região Santana, percebeu, participando da missa em sua comunidade paroquial, o chamado de Deus para essa missão: “Eu sentia um desejo profundo de servir, e a própria caminhada foi me conduzindo à catequese, na qual percebi que as crianças precisam não só conhecer a Deus, mas aprender a amar a Igreja. A importância do catequista está justamente em formar essa base de fé: crianças que compreendem o Evangelho hoje têm facilidade em dar o seu ‘sim’ amanhã”.

UMA GRANDE RESPONSABILIDADE

Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Referencial para a Animação Bíblico-Catequética, destacou ao **O SÃO PAULO** que o catequista deve viver aquilo que ensina: “Se ele será um transmissor da fé para crianças, jovens e adultos que estão iniciando sua caminhada cristã ou complementando a iniciação cristã – sejam os catecúmenos, isto é, aqueles que ainda não foram batizados, sejam os catequizandos, ou seja, aqueles que, embora já tenham sido batizados, ainda não completaram a iniciação cristã – isso exige que testemunhe a fé que está anunciando”.

Referenciando-se na carta *Antiquum Ministerium*, o Bispo detalhou que o catequista “é mestre, porque participa do ministério da Palavra exercida pela Igreja, e, por isso, precisa ter os conhecimentos necessários sobre o essencial da fé cristã e a experiência do encontro com Cristo; acompanhante, porque, de certo modo, é um guia espiritual para aquela pessoa que está adentrando no mistério de Cristo e na vida eclesial; pedagogo, pois ajuda crianças e adolescentes que estão amadurecendo humanamente e no caminho da fé a penetrar no mistério, a conhecer a Palavra de Deus, inserir-se na vida da Igreja, e, também, ajuda os adultos neste caminhar; e mistagogo, pois ajuda o catecúmeno ou o catequizando a mergulhar no mistério de Cristo, sobretudo pela participação nos momentos orantes, de ensino e na liturgia da Igreja”.

PRIMEIROS PASSOS

Padre Paulo César Gil, Assistente Eclesiástico do Grupo de Animação Bíblico-Catequética da Arquidiocese de São Paulo, explicou à reportagem que quem sente o chamado para “esse serviço de amor, inserido na vida de uma comunidade, deve procurar o pároco a fim de receber orientação e



Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO - Arquivo



No último domingo de agosto, Igreja rende graças a Deus à vocação dos catequistas

apoio em seu discernimento. Ser catequista é responder ao chamado de Jesus, pois estamos falando de uma vocação. O catequista é chamado por amor e para o amor! Para transmitir a fé, porém, é necessário ter disponibilidade, perseverando em um caminho formativo e motivador”.

O Sacerdote explicou que o acolhimento inicial do pároco e de toda a comunidade é fundamental, e sublinhou que quem deseja ser catequista deve buscar participar de formações em âmbito paroquial, regional ou arquidiocesano e de outros eventos de apoio e de inspiração para a catequese.

Dom Edilson sublinhou que “ninguém começa a ser catequista da noite para o dia”, e que após a pessoa receber as formações básicas, poderá acompanhar e auxiliar um catequista mais experiente, “até que, pouco a pouco, se sinta segura para assumir um grupo de crianças, de jovens ou adultos que estejam fazendo a iniciação à vida cristã”.

Em 2021, o Papa Francisco instituiu o ministério do catequista por meio da carta apostólica *Antiquum*

Ministerium, mas nem todo catequista torna-se “automaticamente” ministro. “Para receber o ministério de catequista, há critérios apresentados no *Diretório Arquidiocese de Catequese*, como: ser uma pessoa iniciada plenamente na fé, tendo recebido todos os sacramentos da Iniciação; ter idade mínima de 30 anos; exercer o ofício de catequista há, pelo menos, 10 anos; ter feito o devido acompanhamento vocacional e formativo, com maturidade humana e espiritual; estar disponível para exercer o ministério onde for necessário e animado por verdadeiro entusiasmo apostólico”, disse Padre Paulo.

‘SERÁ QUE SEREI CAPAZ?’

Diante das responsabilidades do catequista, muitos dos que sentem este chamado questionam-se se terão condições de bem fazê-lo.

“Antes de pensar ‘eu não sou capaz’, ‘eu não dou conta’, procure discernir esta vocação, conversando com seu pároco ou vigário paroquial. Ele vai orientá-lo para que saiba se este é o apelo que o Espírito Santo está fazendo

do a você, para que, assim, comece a se preparar”, recomendou Dom Edilson.

“Deus, quando nos chama para uma missão, também nos dá a graça necessária para cumpri-la. Portanto, não desista por causa do medo, não se assuste diante da responsabilidade, busque o discernimento. Não tenha pressa, participe das formações que são oferecidas em nossa Arquidiocese. Temos a Escola Bíblico-Catequética São José de Anchieta para ajudar os catequistas e a Comissão de Iniciação à Vida Cristã sempre oferece muitos momentos de formação. Você não está sozinho! E haverá sempre o seu pároco para dar orientações e a própria comunidade eclesial, especialmente os catequistas que já exercem este serviço na paróquia e devem ser acolhedores e ajudar os que se sentem chamados a se tornarem catequistas”, sublinhou o Bispo.

FÉ, AMOR, DETERMINAÇÃO E ZELO

Padre Paulo enfatizou que a catequese não deve ser “feita na base no improviso, tampouco simplesmente com ‘boa vontade’”. Esse serviço requer fé, amor, determinação e zelo”. Ele também recomendou: “Se você quer ser catequista ou se já o é, ame o seu trabalho, seja praticante da Palavra e solícito na caridade. Busque acolher a todos com ternura e alegria. Promova a integração das famílias na catequese e na vida da comunidade. Acredite em si mesmo e procure capacitar-se e aprofundar, constantemente, sua formação humana, social, moral e espiritual”.

O Sacerdote também afirmou que para o surgimento de mais catequistas, os padres e as lideranças paroquiais devem sensibilizar a comunidade sobre o valor do serviço da catequese, propor um itinerário de fé aos adultos que tenham potencial para tal, bem como “proporcionar espaços formativos e momentos de espiritualidade com os catequistas atuantes, despertando o compromisso de formar novos discípulos para o trabalho pastoral; além de investir, pessoal e financeiramente, em uma renovada ação catequética e assumir o projeto de Iniciação à Vida Cristã na comunidade”.

Dom Edilson sublinhou que o catequista deve estar firme e convicto na missão assumida: “Jesus disse que quem põe a mão no arado e olha para trás não está apto para o Reino de Deus. Assim, precisamos assumir com garra, com amor, com responsabilidade. E a graça de Deus virá em nosso socorro para tudo mais que precisarmos”.

Maria Virginia Alves, 71, da Paróquia Santo Antônio de Pádua, da Região Lapa, é catequista desde 1991. “O amor a Jesus Cristo – Caminho, Verdade e Vida – é minha motivação em servir na Igreja”, ressaltou. “A vocação do catequista é importante para a evangelização e para a transformação da realidade em que vivemos. Ele testemunha o amor misericordioso de Deus, se compromete com a justiça e a verdade, é fiel aos ensinamentos de Jesus e pratica a caridade”, assegurou.

Monsenhor Marco Frisina

‘Por meio da música, é possível romper muros que parecem intransponíveis’

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Sacerdote, compositor e regente, o Monsenhor Marco Frisina é fundador e maestro do Coro da Diocese de Roma e autor de numerosas composições, difundidas em diversos países, que marcaram grandes celebrações e eventos da Igreja.

De volta ao Brasil, o maestro participa, entre os dias 28 e 30, do 1º Congresso Internacional de Coros, em Campinas (SP). Antes, na quarta-feira, 26, realiza um concerto beneficente na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, na capital paulista. Em entrevista ao O SÃO PAULO, ele fala sobre sua trajetória, a música litúrgica e sacra, o papel dos coros, suas composições e os desafios da música na Igreja hoje.

O SÃO PAULO - O que o traz novamente ao Brasil?

Monsenhor Marco Frisina - Há sete anos, vim para uma ocasião semelhante, quando foi realizado em São Paulo um encontro de corais dedicados à música litúrgica, com cerca de 500 pessoas. Neste ano, será quase o dobro, em Campinas. Darei quatro aulas e haverá um concerto final. Falaremos sobre o significado da música litúrgica e da música sacra no contexto atual, cultural, litúrgico e de evangelização.

Faço isso em muitas partes do mundo, mas é sempre significativo encontrar realidades locais riquíssimas e ajudar a Igreja a crescer na consciência da importância da música litúrgica e sacra.

O que torna uma música verdadeiramente litúrgica?

Antes de tudo, a finalidade. A música litúrgica é escrita para a celebração e, por isso, possui características próprias e obedece a certos cânones.

Costumo enumerar cinco características, tomando como referência o canto gregoriano. O texto deve ser sagrado, bíblico, proveniente da liturgia ou da tradição da Igreja. A forma musical deve respeitar a ação litúrgica, como o salmo, a antifona, a ladainha e o responsório. A melodia deve ser significativa e capaz de falar. O canto deve poder ser executado por todos, pois não é para uma elite, mas para a comunidade eclesial. E deve ajudar a rezar, é destinado à oração, não ao entretenimento.

Como conciliar qualidade musical, tradição e participação da assembleia?

Como diz o Concílio Vaticano II, a música deve ser música verdadeira. Sua qualidade nasce também da correspondência entre a música e aquilo que acontece na celebração. Ela pode ter uma linguagem contemporânea, popular ou antiga. Não é a linguagem que a torna sagrada, mas a qualidade



Coro della Diocese di Roma/Reflexa

com que expressa, de maneira compreensível, aquilo que deve expressar.

Isso está ligado à participação. É o povo de Deus que deve cantar na liturgia. O coro faz parte dele e está a serviço de toda a assembleia. Se chamamos excelentes músicos profissionais, podemos ter um coro maravilhoso, mas sem relação com aquela assembleia. Nesse caso, já não é um coro a serviço da liturgia, mas um coro que faz espetáculo. O povo deve participar nas partes que lhe são próprias. Na liturgia, a participação é fundamental.

Qual é a diferença entre música litúrgica e música sacra?

A música sacra possui conteúdo bíblico e espiritual, mas pode também ser destinada a um concerto, antes ou depois da liturgia, porém, não durante a celebração.

Na liturgia, pode-se executar uma peça da tradição da Igreja, como a polifonia antiga, renascentista ou barroca. Esse patrimônio também pode ser apresentado em concertos espirituais, que possuem poder evangelizador. Pode-se evangelizar muito bem em um concerto com Palestrina, Bach, Bruckner, Fauré e tantos outros.

Como o senhor vê a música litúrgica brasileira?

Conheço pouco, mas conheço alguma coisa. A grande tentação, não apenas para o Brasil, mas para as diferentes culturas musicais litúrgicas, é seguir a moda: o *pop*, às vezes o *rock* ou determinado tipo de linguagem. Evidentemente, pode haver influência dessas linguagens, porque vivemos no mundo, mas a liturgia exige um tipo de música, de compostura, de ordem, de estrutura, de forma musical e de

texto muito particulares.

Por isso, acredito que seja necessário distinguir sempre entre a liturgia e todo o restante da música sacra. No Brasil, assim como em outros lugares da América Latina, existe a tentação de se tornar músicos *pop*. Não! Devemos ser músicos litúrgicos. O *pop* pode ser feito em outro lugar.

Como nasce uma composição sua? O que vem primeiro: o texto, a oração ou a música?

Há composições com texto e outras sem texto. As que não têm texto nascem de uma experiência pessoal e, quando se trata de música sacra, de uma experiência espiritual, traduzida por meio dos sons, que são uma linguagem universal.

Quando há um texto, é ele que governa: no significado, nas palavras que dão ritmo às notas, e, também, na forma. Em “Eccomi” – “Eis-me aqui” –, a própria expressão sugere um passo à frente. Já *Anima Christi* é íntimo, é uma adoração. As palavras conduzem e inspiram a música. Isso é importante na música sacra.

Já “*Jesus Christ, You Are My Life*” eu a escrevi durante um passeio com o Coro da Diocese. Procurava, para a Jornada Mundial da Juventude de Roma, em 2000, uma melodia que transmitisse imediatamente entusiasmo aos jovens.

O texto deveria ser uma espécie de *slogan* sobre Jesus, mas a melodia não vinha. Então, pensei em algo como o toque de uma trombeta, um chamado. Escrevi a ideia, coloquei-a no bolso e depois, em casa, em Roma, desenvolvi a música. Não imaginava que teria tamanha repercussão. Até hoje, quando é executada, cria entusiasmo.

A música deve, então, produzir algo em quem a escuta?

Quando a música tem uma finalidade, ela não é entretenimento. A música deve mudar as pessoas, deve lhes dar alguma coisa. Depois de ouvi-la, deve permanecer dentro da pessoa uma consolação, uma alegria, um entusiasmo.

Quando os jovens me dizem: “Entrei no seminário por causa deste canto” ou “Fui para o mosteiro por causa daquele canto”, para mim é uma das coisas mais bonitas. Significa que aquela música mudou uma vida, tocou profundamente o coração.

Já tive experiências significativas com jovens com autismo que ouviam muito a minha música e queriam me conhecer. Um deles, depois de nosso encontro, aproximou-se de mim sem me olhar, apoiou a cabeça em mim e foi embora. Outro, durante um concerto, ficou me olhando fixamente enquanto eu regia.

Essas experiências me fazem compreender que, por meio da música, é possível romper muros que parecem intransponíveis. Nós não temos o poder de rompê-los, mas a música pode fazer isso. É um mistério.

Muitas de suas composições foram traduzidas e marcaram diferentes gerações. O que isso representa para o senhor?

Quando comecei, não imaginava nada disso. Pelo contrário, quando entrei no seminário, pensei que não faria mais música. Isso me faz compreender que o Senhor se serviu e continua se servindo de mim para realizar esse serviço. Já se passaram quase 50 anos e meu primeiro canto, “*Benedici il Signore, anima mia*”, tem 50 anos. Tudo isso me faz compreender o poder da música. Não da música em si, mas de uma música claramente orientada para uma finalidade. Ela possui um poder incrível de levar as pessoas a crer, de aproximá-las e conduzi-las à oração.

Depois de tantos anos dedicados à música da Igreja, que conselho daria aos músicos e corais de nossas comunidades?

Há algo que aprendi: levar a sério aquilo que o Concílio e o Magistério da Igreja ensinam sobre a música sacra. Esses ensinamentos foram fundamentais para mim: não devemos pensar a música sacra como uma exibição de nós mesmos. Ela pode ser expressão de nós mesmos, sim, mas não exibição.

Por isso, digo aos maestros: não sejam vaidosos. E digo o mesmo aos coralistas. Não pensem que estão ali para aparecer. Não devemos nos exibir, porque isso prejudica justamente o serviço que prestamos. É preciso ter liberdade e obediência.

Com missa, PUC-SP celebra 80 anos de excelência acadêmica e atuação em prol da verdade

JÉSSICA LEITE
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
INSTITUCIONAL DA PUC-SP

A PUC-SP celebrou seus 80 anos de história com uma missa de ação de graças, na sexta-feira, 21, na capela da Paróquia Universitária, presidida por Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade.

A celebração também foi ocasião para recordar a trajetória da Universidade e refletir sobre sua missão nestas oito décadas.

Durante a missa, Dom Carlos Lema Garcia ressaltou ser aquela data um momento de ação de graças a Deus pelos “80 anos de caminhada e de serviço da PUC-SP à educação e à busca da verdade”. Na bênção final, o Bispo invocou a proteção da Virgem Maria



Jéssica Leite/ACI PUC-SP

sobre todos e desejou que ela acompanhe todos a comunidade acadêmica em sua caminhada.

Em discurso, o professor doutor Vidal Serrano Júnior (foto), Reitor da

PUC-SP, relacionou a história da Universidade aos valores que a orientam. Ao recordar a leitura do profeta Isaías, destacou a justiça, a igualdade e o compromisso social como referências importan-

tes para a missão cristã e universitária.

O Reitor também falou sobre a responsabilidade de cuidar da PUC-SP neste momento da história, para que a Universidade continue a desenvolver sua missão católica e acadêmica. Nesse percurso, ressaltou a importância da ciência, da produção e difusão do conhecimento e da prestação de serviços à sociedade.

A PUC-SP foi fundada em agosto de 1946, a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito. Agregadas a elas, mas com estruturas administrativo-financeiras independentes, estavam outras quatro instituições da Igreja. Conheça a história completa da instituição no [site https://www.pucsp.br/universidade](https://www.pucsp.br/universidade).

Dom Odilo Pedro Scherer abençoa a imagem de Nossa Senhora Aparecida no Arquivo Metropolitano

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, foi abençoada e entronizada no Arquivo Metropolitano “Dom Duarte Leopoldo e Silva” na segunda-feira, 24.

A bênção foi conduzida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, diante de colaboradores do Arquivo e da Biblioteca Teológica do *campus* Ipiranga da PUC-SP, além do Padre Hernane Santos Módena, Diretor Geral do Arquivo e do senhor Jair Mongelli, diretor técnico.

Dom Odilo exortou todos a ouvir, acolher e viver a Palavra de Deus, como fez a Mãe de Jesus. Também ressaltou que Nossa Senhora é portadora de Cristo, pois onde ela está, também está Jesus.

A história da devoção a Nossa Senhora Aparecida faz parte da história da Arquidiocese de São Pau-



Jair Mongelli/Arquivo Metropolitano Dom Duarte

lo, cuja área de abrangência se estendia além da cidade em que houve a aparição de Nossa Senhora. Em 1958, o Santuário Nacional passou a fazer parte da

Arquidiocese de Aparecida, criada naquele ano pelo Papa Pio XII.

O fundador do Arquivo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro Arcebispo de São Paulo, em 1908 obteve do Papa Pio X a concessão do título de Basílica Menor para a primeira igreja construída em 1745 em Aparecida, popularmente conhecida como Basílica Velha. Na ocasião, Dom Duarte também celebrou a dedicação do templo.

“Entronizar a imagem de Nossa Senhora Aparecida no Arquivo Metropolitano, além de confiar a ela a proteção das pessoas que trabalham e procuram o Arquivo, bem como dos diversos documentos que compõem o precioso patrimônio cultural da Igreja em São Paulo e além dela, é também uma forma de manter viva a memória de fé dos devotos, peregrinos, dos filhos e filhas da Padroeira do Brasil”, ressaltou o Padre Hernane Módena.

(Com informações do Padre Hernane Módena)

VICARIATO EPISCOPAL DA CARIDADE SOCIAL

Vicariato Episcopal da Caridade Social comemora o Dia Nacional do Voluntariado com *live* sobre a ação a serviço da vida

MATHEUS MACIEL
COORDENADOR DO COMITÊ DE MOBILIZAÇÃO E VOLUNTARIADO DO VICARIATO

O voluntariado é uma das expressões mais concretas da capacidade de cuidar. No âmbito da Igreja, essa disposição para colocar-se a serviço do outro ganha uma dimensão ainda mais profunda: nasce da fé e do compromisso com a dignidade de cada pessoa humana. É com esse olhar que o Vicariato Episcopal da Caridade Social da Arquidiocese de São Paulo realizará, na sexta-feira, 28 de agosto, às 20h, uma *live* especial em comemoração ao Dia Nacional do Voluntariado.

Com o tema “Comunhão e Serviço: a Igreja que se faz presente a serviço da vida”, será transmitida pelo canal do Vicariato Episcopal da Caridade Social no YouTube e é organizada pelo Comitê de Mobilização e Voluntariado. A proposta é reunir experiências e testemunhos para refletir sobre a importância do voluntariado como expressão concreta de uma Igreja que se coloca próxima das pessoas e das diferentes realidades.

A mediação será realizada por Matheus Maciel. Entre os participantes estará o cônego Marcelo Monge, Vigário Episcopal da Caridade Social, além de Priscila e Marcelo Ramos, membros do Vicariato, que compartilharão suas experiências e testemunhos relacionados à vivência do voluntariado.

A *live* também contará com a participação de Maria de Fátima Alexandre, integrante do Núcleo de Estudos Avançados do Terceiro Setor (Neats) da PUC-SP e assessora do Vicariato Episcopal da Caridade Social. Sua contribuição ampliará a re-

flexão sobre o voluntariado e sua importância para a construção de uma sociedade mais solidária, aproximando a experiência pastoral dos estudos e das práticas desenvolvidas no campo do terceiro setor.

Um dos momentos de destaque da programação será o lançamento do cadastro oficial dos Agentes da Caridade, iniciativa do Vicariato Episcopal da Caridade Social para organizar e ampliar a participação de voluntários nas ações promovidas pela Igreja. A proposta é reconhecer aqueles que desejam colocar seus dons, conhecimentos, tempo e disponibilidade a serviço da caridade, conectando essas pessoas às diversas iniciativas desenvolvidas pela Arquidiocese e por organizações parceiras. Dessa forma, o Vicariato pretende fortalecer a cultura do voluntariado e facilitar o encontro entre quem deseja contribuir e as diferentes frentes que necessitam de apoio.

Celebrar o Dia Nacional do Voluntariado é também reconhecer tantas pessoas que dedicam parte de suas vidas ao cuidado com o próximo e agradecer-lhes. Para a Igreja, esse compromisso encontra sua inspiração no próprio Evangelho. Servir é uma maneira concreta de anunciar a fé e testemunhar que nenhuma realidade humana deve ser indiferente. Quando a Igreja se aproxima, acolhe e cuida, manifesta uma presença que ultrapassa as palavras e se transforma em gestos.

No dia 28 de agosto, o convite é para que todos se unam ao Vicariato Episcopal da Caridade Social nessa celebração. Será uma oportunidade para ouvir histórias, conhecer experiências, refletir sobre o compromisso com a vida e descobrir novas formas de participar da missão da Igreja, porque uma Igreja que serve é uma Igreja que se faz presente.



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Um coração capaz de construir uma paz desarmada e desarmante

Na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2026, Leão XIV retomou o tema de uma paz desarmada e desarmante, lembrando que ela só pode ser alcançada por uma renovação do coração e da inteligência. Mas como seria essa renovação do coração, capaz de resistir à violência e vencê-la? É uma questão que vale tanto para as guerras entre nações quanto para nossos conflitos cotidianos, sejam políticos – e vamos enfrentar muitos nos próximos meses –, sejam de convivência. Por isso, nesta edição do Caderno Fé e Cultura, convidamos dois psicólogos, uma monja beneditina e o fundador de uma escola de formação política para explicar como veem a possibilidade desse coração no mundo de hoje.



Ousar quebrar o vaso de alabastro

Um coração se torna desarmado e desarmante quando aceita quebrar seu próprio vaso de alabastro, isto é, se entrega sem calcular.

Dener Luiz da Silva*

Era a casa de um tal Simão, e uma mulher – que a tradição chama de pecadora – entra silenciosa. Traz consigo um pequeno vaso de alabastro com perfume precioso. Sem pedir licença, ela o quebra e derrama todo o óleo sobre a cabeça e os pés de Jesus. A casa se enche de fragrância. Os convidados se escandalizam. Alguns reclamam o desperdício. Mas Jesus a defende: “Ela fez uma boa obra para comigo” (Mc 14,6).

Para mim, ter um coração desarmado e desarmante é fazer essa “boa obra para Jesus”: reconhecer-me apaixonado a ponto de quebrar meu próprio jarro de perfume, minha essência. Nada guardar ou medir pelo “útil” ou “produtivo”. Um coração de-

sarmado é aquele de que já não precisa de defesas, de justificativas, de máscaras. Ele se expõe, se derrama, arrisca e tem os olhos arregalados! E, ao se derramar, desarma o outro – porque o perfume do amor gratuito desmonta rigidez, juízo ou muro.

Como, porém, conseguir este coração? Não por esforço moral ou técnica psicológica. É no chão da rotina que o alabastro pode ser quebrado. Consegue-se amando as pequenas e concretas pessoas que a vida coloca ao nosso lado. E, no meu caso, acredito que é um exercício ou convite diário.

Desde que uma tia idosa (93 anos) veio morar conosco, assumi a rotina de fazer para ela o café da manhã. Nem sempre faço com atenção, carinho ou amor, por vezes sinto que o vaso tem a parede dura como granito. Outras, no entanto, violento minha

indiferença ou indisposição e ofereço o meu melhor: pequena fissura, eflúvios do perfume sentidos no ar. Reconheço que há pequenas rachaduras quando olho para minha esposa e filhos e aceito seus limites – quando não exijo deles o desempenho que planejo ou gostaria, acolho suas lentidões e teimosias.

Sou psicólogo da educação e professor universitário, e cada aluno que encontro traz uma história única, às vezes de cansaço, desânimo ou medo. Amar o destino deles – como são, não como gostaria que fossem – é suportar suas dificuldades e bloqueios – não devolver julgamento, mas devolver presença, vendo que, por trás de cada limite, há uma pessoa sedenta de ser reconhecida.

Na dimensão comunitária, rezo e agradeço todos os dias por minha

comunidade, surpreso ao ver tantas “mulheres” ousando quebrar seus vasos e perfumando meus próprios limites. O desconsertar ao ver que um coração apaixonado contagia. Estudo e medito com os meus amigos, porque sei que o coração desarmado não se constrói sozinho, precisa do exercício comunitário do perdão, da escuta e da partilha.

Por fim, a resposta é simples, mas contraintuitiva: o coração desarmado e desarmante se conquista na humilhação voluntária de servir. Não há atalho, requer quebrar o vaso e deixar que o perfume – que é o amor de Cristo em mim – se espalhe, mesmo que cheire a despropósito aos olhos do mundo. Porque, para o amor, nunca é desperdício, é eternidade.

*Professor de Psicologia da Educação na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

O culto à força e à agressividade em nosso tempo

Em uma sociedade deslumbrada com a força, a paz desarmada e desarmante vem do amor e da coragem que nascem da fé.

Redação

Cresce, em nossos tempos, uma mentalidade que celebra o valor da força, do confronto e da hostilidade. Não é por maldade das pessoas – ainda que alguns manipulem essa tendência. É reflexo do desencanto com as lideranças políticas, da sensação generalizada de insegurança, do enfraquecimento dos laços comunitários que antes davam senso de pertencimento e apoio. Nesse contexto, a agressividade vira linguagem de afirmação para quem se sente invisível ou desrespeitado.

Viver em permanente autoafirmação e vigilância contra o outro, porém, é desgastante: gera ansiedade crônica, nunca se pode baixar a guarda. Empobrece a empatia, já que reconhecer a dor alheia soa como concessão perigosa. Gera

postura defensiva, em que a imagem de força esconde uma insegurança profunda não elaborada – quanto mais frágil a pessoa se sente por dentro, mais precisa parecer dura por fora.

Com o tempo, essa couraça cobra um preço alto: isola e empobrece o espírito. Quem só sabe se relacionar pela força perde seus vínculos de amor, confiança, cooperação e apoio. Essa posição leva à exaustão emocional, à solidão disfarçada de autossuficiência e a uma dificuldade crescente de pedir ajuda ou admitir vulnerabilidade; compromete o bom senso, a razão cede à necessidade de se justificar e deslegitimar o outro; impede a sociedade de encontrar as melhores soluções para os problemas, pois essas sempre implicam entendimento e cooperação.

A ternura, o cuidado e a abertura que nascem do amor não são fraquezas, mas sim a resposta mais adequada e racional aos problemas de nossa sociedade.

Ira, o pecado que cega

Criado livre para amar, o ser humano também carrega em si a possibilidade de reagir com fúria diante daquilo que vê como ameaçador. Entre a liberdade e o instinto, a ira pode ser apenas emoção ou tornar-se um perigoso pecado.

Dalton Rothen*

Quando reflito sobre o ser humano, fico extasiado em constatar a maravilha que somos, um complexo físico, psicológico e espiritual. E aí só posso exaltar, como o salmista, a Sabedoria imensa de nosso Criador: “Eu vos louvarei, Senhor, de todo o coração, todas as vossas maravilhas narrarei.” (Sl 9,2-3)

Entretanto, nós não viemos para a vida completos. Faz parte de nossa missão nos construirmos, participando da criação de Deus, nos desenvolvendo.

Deus criou o ser humano com livre arbítrio, que pode levar ao bem ou ao mal. Este livre arbítrio é necessário para que possamos desenvolver a maior de todas as nossas capacidades, a de amar. Somente na liberdade conseguimos amar. Sem a liberdade não existe o amor, que é uma ação voluntária. Nós escolhemos amar. Temos uma energia que nos empurra para a manutenção da vida e para que nos desenvolvamos. E isso é dom de Deus.

No entanto, quando essas tendências são exacerbadas, tendemos àquilo que denominamos pecados capitais. A sexualidade, por exemplo, pode levar à luxúria, e o autocuidado pode levar à ira.

Na estrutura do cérebro. Há uma parte do cérebro chamada amígdala, que tem a função de olhar para todas as informações que ele recebe e se fazer uma pergunta: é uma ameaça, é algo com que devo me preocupar? Esta parte do cérebro pode dominar a restante com uma fúria incontrolável. Quando há a percepção de perigo, o corpo reage em cascata, aumentando os batimentos cardíacos, a pressão sanguínea e a transpiração: está se preparando para lutar ou fugir. A amígdala é uma parte primitiva do cérebro. Ela existe porque o cérebro humano é feito de camadas que se sobrepuseram às anteriores em milhões de anos de evolução. Ela cria uma reação imediata contra uma ameaça: lutar ou fugir.

Os seres humanos, porém, desen-

volveram outra parte do cérebro, os lóbulos frontais, que funcionam como freio da amígdala. O motor da reação à ameaça é a amígdala, seu freio é o lóbulo frontal. A pessoa que foi dominada pela ira fica temporariamente insana até que sua amígdala seja controlada.

Tempos intranquilos. É normal ouvirmos que vivemos no período mais agitado da humanidade. Mas este estado de agitação não é característica exclusiva dos nossos tempos. Relatos de 2,3 mil anos atrás já indagavam: “Por que esta agitação dos povos e este rosar inútil das nações?” (Sl 2,1). Consegue imaginar como era a vida naquele tempo? Como se vivia o ritmo das coisas, a velocidade com que as notícias circu-

lavam? O salmista expressa um estado de estresse: “agitação dos povos”. Povos agitados, inquietos, ansiosos e intranquilos. Não sabemos a que fato ou situação específica, se é que existia uma, ele se referia, mas descreve um estado que nós hoje conhecemos muito bem. O salmista exaltava que a agitação era um resmungar inútil, que não servia para nada. E hoje, qual é a utilidade do nosso rosar? Atualmente, os povos se agitam *on-line*. O normal da era da comunicação é a agitação permanente.

Se antes existia um perigo iminente ao se defrontar com uma fera, hoje o ser humano vive perspectivas de perigo induzidas pela comunicação social, internet, o “nós contra eles”, e assim por diante. Ou seja, nossos mecanis-

mos de defesa estão sendo acionados o tempo todo, causando um impacto em nossa saúde psicológica. A sensação de perigo gera a raiva, importante mecanismo de reação do organismo. A raiva permanente gera o rancor, que pode desencadear a ira.

A ira pode ser o mais mortal dos pecados, o que mata. Ela nos cega. Um homem furioso não pode ver a luz. Todos ficamos furiosos às vezes. Se a ira levar à crueldade, à violência e à opressão ou perseguições, então ela é pecado; mas se for uma emoção sentida pelo indivíduo e não tiver nenhuma consequência, a ira pode ser forte, mas não é pecaminosa.

Identificamos como sendo externos os motivos que nos levam à agitação. Entretanto, boa parte desses fatores é interna e tem a ver com a situação existencial do ser humano. Diariamente, temos motivos para ficar contrariados ou irados. O problema é que se não dissiparmos esses sentimentos, eles vão se acumulando e poderão desencadear reações muitas vezes fora do controle.

Não dar lugar ao demônio. E o que nos indica o Evangelho? A nos desarmarmos pelo perdão. É a sabedoria do “perdoar setenta vezes sete”, que significa sempre, para não deixar acumular dentro de si o rancor. Na epístola aos Efésios 4,26-27, lemos: “Mesmo em cólera, não pequeis. Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento. Não deis lugar ao demônio”.

Paulo nos ensina a não acumular raiva e a resolver os conflitos diariamente, evitando que mágoas passageiras se transformem em sentimentos destrutivos de longo prazo. Dar lugar ao demônio é dividir-se interiormente e acumular tensões que podem levar à violência. A virtude que se contrapõe à ira é a mansidão. E os mansos, segundo Jesus, herdarão a terra, a boa aventura, ou seja, a vida feliz.

*Psicólogo e consultor empresarial, autor do livro *Para Uma Vida Melhor* (São Paulo: Record, 2008). Coordena o curso “De Alfa a Ômega”, um ciclo de estudos voltado ao aprofundamento da fé cristã. Recebeu a Medalha São Paulo Apóstolo, na categoria Inovação na Metodologia Pastoral, em 2025.



O caminho da reconciliação consigo mesmo na tradição monástica

O coração desarmado ama e, a partir do seu gesto de amor, desarma; mesmo que demore um pouco de tempo e exija sacrifícios, pois o coração pacificado gera, pouco a pouco, um fascínio que é contagiante, e vai, devagarinho, desarmando outros.

J.F. MILLIET, O Angelus. Fonte: Wikimedia Commons



Ana Lydia Sawaya

A tradição monástica nos diz que o amor que pacifica nasce da reconciliação com o nosso próprio ser, é resultado de um processo de unificação do nosso eu. A cultura moderna, o consumismo, a tecnologia, a educação, a busca pela produtividade e resultado em cada gesto e ato geram uma enorme fragmentação no nosso ser. O eu fragmentado é violento, insatisfeito, cheio de medo e desconjuntado; em última instância, é um eu absurdo e sem sentido. A fragmentação do eu, porém, não é conforme a natureza humana, mas uma aberração desenvolvida pela cultura moderna. A esta cultura, os monges dizem com mansidão e humildade: “Esse não é o caminho da felicidade”.

De fato, a fragmentação do eu leva à violência contra si e contra os outros, e nos obriga a nos armarmos e a nos defendermos o tempo todo. Enquanto os monges nos dizem delicadamente: “Não é por aí” ...

Não se trata de uma descoberta. É algo simples, que está dentro de nós, que diz respeito à nossa natureza humana tal como foi feita: a experiência de um coração que ama. Este coração que ama vive a paz e gera a paz. Santo Agostinho (354-430 d.C.) diz que a paz é a tranquilidade que advém de uma realidade ordenada, é fruto da experiência cotidiana de que as coisas que vivemos estão ordenadas.

Atenção, contudo: a tranquilidade da vida ordenada não significa bem-estar. A busca desenfreada de bem-estar faz parte do caminho equivocado. A maior tranquilidade que se possa experimentar acontece no sofrimento vivido com um coração pacificado. Não há maior dignidade do que abraçar o sofrimento inevitável com amor. A ordem de que fala Santo Agostinho é a disposição justa das coisas, segundo a sua própria natureza e o seu próprio fim: “Faço isso como eu posso fazer, mas com toda a minha dedicação, o meu amor e respeito”. Existe paz quando cada pessoa ocupa o seu lugar e vive o que é chamada a viver, de acordo com uma ordem que a precede e a orienta. A violência é sempre desordem, é resultado de se estar fora de lugar. Nenhuma injustiça é ordem, mas violência à ordem preestabelecida por Deus.

Três atitudes fundamentais. Os monges se entregam no relacionamento com as pessoas, as coisas e os

acontecimentos, buscando, antes de tudo, o bem, a beleza e a verdade que são os atributos de Deus e o modo como Deus age. E isso é amar. Quem vive buscando a beleza, a verdade e o bem, ama, é pacífico e ordenado dentro de si. A vida monástica é uma escola que ensina três atitudes para amar e, como consequência, viver e gerar paz em nosso coração e ao nosso redor:

- A obediência que nasce da fé em Deus e vive na relação com Ele. Viver na presença de Deus na vida cotidiana, obediente ao caminho que Ele traça para nós, é uma promessa grandiosa. No mundo, porém, as pessoas podem viver como se Deus não existisse, mesmo que experimentem a angústia de uma vida sem sentido que termina no nada. Todavia, a dúvida sobre a existência de Deus não evita o anseio por algo além de nós mesmos ou da realidade visível, não é a última palavra dentro de nós, pois temos uma capacidade inata que nos permite abrimo-nos a Deus, sempre que quisermos;
- A estabilidade que se apoia na esperança. Existem duas situações desafiantes em nossa existência: o tédio e a crise. Em ambas, pode parecer que Deus não está presente, nem nos ame ou nos ajude. Quando tudo parece ter perdido o sentido, a única coisa possível é invocá-Lo e ter paciência. A perseverança permite nos darmos conta de que o sentido da vida não pode ser criado ou construído por nós, mas é um dom que recebemos. Esta é força da esperança e que se expressa na estabilidade: maravilhar-se de novo a cada dia e agradecer por cada dia;
- A conversão ao amor. Esta é a meta do caminho. São Bento não propõe uma vida religiosa com vistas a construir uma obra específica para transformar o mundo, mas uma vida inteira vivida na relação cada vez mais contínua e amorosa com Cristo. Como diz no início da sua Regra: “Quem é aquele ou aquela que quer a vida e arde com o desejo de ver dias felizes? (Sl 33,13) [...] Procura a paz e segue-a (Sl 33,14-15) [...] Antes que Me invoqueis, direi: aqui estou” (cf. Prólogo). Trata-se, portanto, de um caminho para a felicidade, para uma vida plena e que dê certo. Por isso, é uma proposta para todos, pois a questão da felicidade é uma das questões fundamentais da humanidade.

*Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da Unifesp, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

Leão XIV e a paz desarmada e desarmante

Na sua [Mensagem para o LIX Dia Mundial da Paz](#), o Papa nos fala sobre a paz desarmada e desarmante à luz de Cristo.

Redação

Esta é a paz do Cristo ressuscitado: uma paz desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Ela provém de Deus, o Deus que nos ama a todos incondicionalmente [...] A paz existe, deseja habitar-nos, tem o poder suave de iluminar e alargar a inteligência, resiste à violência e a vence. [...] “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14, 27) [...] E Ele repete com firmeza àqueles que gostariam de defendê-lo: “Guarda a espada na bainha” (Jo 18,11; cf. Mt 26,52). A paz de Jesus ressuscitado é desarmada, porque desarmada foi a sua luta [...] Uma paz que nasce da abertura e da humildade evangélica.

A bondade é desarmante. Talvez por isso Deus se tenha feito criança [...] “Paz na terra”, cantam os anjos, anunciando a presença de um Deus indefeso. E a humanidade só pode descobrir-se amada cuidando Dele [...] “a fragilidade humana tem o poder de tornar-nos mais lúcidos em relação ao que dura e ao que passa, ao que faz viver e ao que mata [...] tem o poder de questionar a direção que escolhemos, como indivíduos e como comunidade” ([Fratelli tutti](#), FT 4).

São João XXIII foi o primeiro a introduzir a perspectiva de um desarmamento integral, alcançado somente por meio da renovação do coração e da inteligência [cf. [Pacem in terris](#), PT 118].

[...] Que isso seja um fruto do Jubileu da Esperança, que levou milhões de seres humanos a redescobrirem-se peregrinos e a iniciarem em si mesmos aquele desarmamento do coração, da mente e da vida, ao qual Deus não tardará em responder, cumprindo as suas promessas

Trechos da Mensagem de Leão XIV para o LIX Dia Mundial da Paz (01/jan/2026).

Imagem gerada por IA



Um coração desarmado e desarmante na vida política é possível

A política, quando busca genuinamente o bem comum e não o poder pelo poder, é a mais elevada expressão do amor – capaz de superar discórdias e “desarmar” sociedades, como mostram exemplos de líderes que priorizaram o diálogo suprapartidário à disputa por cargos.



José Mario Brasiense*

Uma jovem universitária formada em relações internacionais me contou que uma vez participou de um encontro GEN (Geração Nova) do

Movimento dos Focolares. Disse-me que era criança, mas ainda se lembra do palestrante que afirma: “A política é o amor dos amores”. Trata-se de uma bela e inesquecível frase que nos provoca no contexto em que vivemos, marcado por discórdias políticas que facilmente “se armam” e chegam à violência e à guerra.

A política como expressão do amor na verdade vai além do afeto entre casais, famílias e amigos. Ultrapassa as fronteiras das comunidades, cidades e nações. Isso ocorre quando a política tem como objetivo o bem comum, ou seja, as condições sociais e econômicas que permitem o desenvolvimento integral de cada pessoa, e de todas as pessoas, sem exclusões. Como ensina o Papa Leão XIV, na encíclica [Magnífica humanitas](#) (MH 60), o bem comum “não coincide com a soma dos benefícios dos indivíduos, nem com o entrecruzar-se dos seus interesses particulares: é um bem maior, que pertence a todos e só em conjunto se pode construir, aumentar e salvaguardar.”

Na encíclica, Leão XIV esclarece

que a tarefa fundamental do Estado é garantir a coesão, a unidade e a organização justa da sociedade civil para que o “bem comum possa ser realmente alcançado com a contribuição de todos.” (MH 64). Trata-se de um ideal bem diferente do que se vê nos jornais que diariamente reportam a corrupção entre o setor público e privado, a sobreposição dos três poderes e a confusão de atribuições entre as esferas de governo.

O contágio psicofísico tornou-se um lugar comum na política e se expressa no medo das ameaças e na busca do poder pelo poder. Entre as armas mais utilizadas, vemos o pagamento de propinas e a nomeação para cargos. Tudo isso constitui o que São João Paulo II denominou de “estruturas de pecado que se opõem à vontade de Deus e exigem um empenho de conversão pessoal e social.” (MH 79) Como antídoto para tudo isso, é necessário humanizar a política, o que pode se dar com o (re)encontro entre corações e mentes abertas ao diálogo suprapartidário.

O Papa Francisco dizia que o tem-

po é superior ao espaço ([Evangelii gaudium](#), EG 222ss). No contexto político, os processos democráticos são mais importantes do que os cargos e mandatos. O Brasil e muitos países estão desafiados a “desarmar” suas políticas nacionais e internacionais. Muitos são céticos sobre isso, mas há exemplos históricos que demonstram ser possível. Isso ocorreu após a II Guerra Mundial quando Konrad Adenauer, Alcide de Gasperi e Robert Schuman lançaram, pacificamente, os alicerces da União Europeia. No contexto brasileiro, frequentemente se recorda do governador Franco Montoro, que ergueu as bandeiras da descentralização e da participação democrática. Em nível municipal, o ex-prefeito de Porto Alegre, José Fogaça, realizou a integração das políticas, que deixaram de ser setoriais para adotar uma visão integral do desenvolvimento humano. Afinal, a política é, de fato, o amor dos amores.

*Master em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, doutor em Administração Pública pela EAESP-FGV e presidente da Oficina Municipal, uma escola de cidadania e gestão pública vinculada à Fundação Konrad Adenauer.

CINE E VÍDEO

A Odisseia e a nossa cultura

Poucas estreias recentes geraram tanto debate quanto “A Odisseia”, de Christopher Nolan. O filme obteve a maior bilheteria da carreira do diretor e alcançou 94% de aprovação no Rotten Tomatoes, recorde entre seus longas. O fascínio e as polêmicas não nasceram apenas da sua reconhecida qualidade cinematográfica, mas também das liberdades narrativas tomadas a partir da obra homérica e da escalação multiétnica do elenco.

Francisco Borba Ribeiro Neto*

A Odisseia de Homero é um grande poema épico que consagra aquele que seria, sob certos aspectos, o mais completo dos heróis gregos: Ulisses, o líder que combina força, coragem, astúcia e carisma – homem de muitos recursos, de uma grandeza trágica capaz de suportar, com obstinação, até o destino imposto pelos deuses. Personifica a dignidade, a autoafirmação e o orgulho dos fortes, que enfrentam todas as adversidades para realizar a sua vontade.

Aos olhos da ética contemporânea, nem todas as suas proezas pareceriam elogiosas. Grita seu nome após superar o Ciclope, para que o derrotado sofra a humilhação de saber quem o venceu. Saqueia a cidade dos Cícones, matando os homens e repartindo mulheres e riquezas como despojo de guerra. Enquanto Penélope passa 20 anos esperando fielmente pelo esposo, ele passa um ano com Circe e sete anos com

Calipso. Na volta a Ítaca, não apenas mata os vis pretendentes, mas também as servas que se relacionaram com eles e o cabreiro que os ajudou – com requintes de crueldade.

Christopher Nolan, porém, estava interessado em explorar outra vertente da narrativa épica. Seu Ulisses, como ele mesmo e seu intérprete (Matt Damon) reconheceram, ecoa Oppenheimer, o pai da bomba atômica e protagonista de seu filme anterior. O cavalo de Troia é uma outra bomba atômica, destruindo uma cidade e matando milhares de inocentes. Ulisses é o herói genial, às voltas com o remorso pela imensa tragédia que brotou de seus atos – como Oppenheimer.

Para muitos críticos, Nolan desvirtuou o drama homérico, tirando-lhe o vigor, a grandeza e – de certa forma – até mesmo a tragicidade. Outros viram nele uma “leitura cristã”, marcada pela consciência da culpa e a necessidade de redenção. O próprio diretor reconhece que abordou a história sob o prisma da subjetividade de Ulisses e de valorizar a xenia, a lei sagrada da

hospitalidade, chamada no filme de “Lei de Zeus”, que evoca, em muitos aspectos, os princípios cristãos (“Fui peregrino e me acolheste”, Mt 25,35; “O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”, Mt 25,40). Porém, Nolan considera que a ideia de um processo de expiação pelo pecado cometido e a valorização de princípios cristãos é algo que os espectadores veem ao se depararem com o filme – algo que está em nós, não obrigatoriamente no filme.

A Odisseia, de Nolan, mais do que uma obra “cristianizada”, é uma demonstração de como nossa cultura, mesmo quando tenta ignorar o Cristianismo, ainda respira seus valores. Não por uma reminiscência do passado, mas porque esses valores correspondem profundamente ao nosso coração. Afinal, quem – religioso ou ateu – nunca se deparou, em um momento de introspecção, com as consequências dos erros do passado e o desejo de redenção?

*Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO



A ODISSEIA (The Odyssey)
Direção e roteiro: Christopher Nolan.
Elenco: Matt Damon, Anne Hathaway, Tom Holland, Robert Pattinson, Zendaya, Charlize Theron, Lupita Nyong'o.
Produção: Syncopy, Universal Pictures (EUA/Reino Unido, 2026).
Duração: 172 minutos.

Congresso arquidiocesano renova o impulso missionário na Igreja em São Paulo

NO ENCONTRO, FORAM CELEBRADOS OS 100 ANOS DO DIA MUNDIAL DAS MISSÕES E REFLETIU-SE SOBRE OS DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO NA REALIDADE ATUAL

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Arquidiocese de São Paulo realizou, no sábado, 22, o 1º Congresso Missionário Arquidiocesano, com o tema “100 anos do Dia Mundial das Missões: Desafios e Oportunidades para a Missão Hoje”. O encontro, no auditório do Centro Universitário Assunção, na Vila Mariana, reuniu membros do Conselho Missionário Arquidiocesano e das regiões episcopais e agentes de pastoral para celebrar o centenário e refletir sobre os caminhos da evangelização diante dos desafios atuais.

O Congresso teve início com a missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, e concelebrada por Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga e Referencial para a Animação Missionária; Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia; e diversos padres.

Na abertura, o Padre Vidal Valentín Zapattinu, CSS, Assessor Eclesiástico Arquidiocesano para a Animação Missionária, recordou a instituição do Dia Mundial das Missões, em 1926, e ressaltou que este centenário deve renovar a consciência da responsabilidade missionária de todos os batizados. O Sacerdote manifestou ainda o desejo de que o Congresso fosse ocasião de um renovado impulso missionário, marcado pelo compromisso “de rezar, de ajudar e de partir para a missão”.

EM PERMANENTE SAÍDA

Em sua saudação aos participantes, o Cardeal Scherer enfatizou que a dimensão missionária pertence à própria identidade da Igreja. “A Igreja é missionária pela sua própria origem e natureza. A Igreja existe para a missão”, afirmou. Essa missão, acrescentou, começa pelo anúncio do Evangelho, realizado de diferentes maneiras e confirmado pelo testemunho da vida.

Dom Odilo advertiu que uma comunidade eclesial preocupada somente com sua própria manutenção corre o risco de perder a vitalidade missionária. “Na medida em que a Igreja deixa de ser missionária, que fica só internamente cuidando do que tem, administrando o que tem, ela se empobrece”, salientou, relacionando esse chamado à “Igreja em saída”, proposta pelo Papa Francisco.

O Arcebispo recordou diferentes momentos em que esse impulso foi renovado, com destaque para o Concílio Vaticano II, que ele definiu como um concílio de forte caráter missionário, e seu decreto *Ad Gentes*. Também mencionou a encíclica *Redemptoris Missio*, de São João Paulo II, e a Conferência de Aparecida, na



Aberto com missa, congresso missionário arquidiocesano sublinha que a missão é vocação permanente de todo o povo de Deus

qual ganhou força o conceito de “conversão pastoral e missionária”.

Para o Cardeal, essa consciência precisa alcançar concretamente dioceses, paróquias, comunidades e organizações eclesiais. “Não é só de vez em quando que a gente vai ser missionário”, observou, destacando que a perspectiva missionária deve atravessar tudo o que a Igreja é e faz, por meio do anúncio e do testemunho do Evangelho, da caridade, das obras de misericórdia e da presença cristã no mundo.

Ao concluir, Dom Odilo desejou que o Congresso reacendesse nos participantes o “ardor missionário”. E exortou: “Nossa Arquidiocese, nossa metrópole, deve ser, mais e mais, uma Igreja missionária”.

A MISSÃO NO CORAÇÃO DA IGREJA

Na sequência, Dom Carlos Silva proferiu a conferência magna “A missão no coração da Igreja: uma reflexão sobre os 100 anos do Dia Mundial das Missões”. O Bispo partiu de sua própria experiência vocacional para mostrar que a missão se realiza, antes de tudo, na proximidade e no encontro com as pessoas.

Antes do episcopado, Dom Carlos participou, como frade capuchinho, das Missões Populares e viveu por dez anos como missionário no México. Posteriormente, como Conselheiro Geral de sua Ordem, conheceu diferentes países e realidades eclesiais. “Essas experiências me ensinaram que a missão não é uma atividade entre tantas outras da Igreja. A missão é o seu coração”, sintetizou.

Ao refletir sobre o mandato de Jesus – “Ide, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28,19) –, Dom Carlos ressaltou que o chamado continua dirigido a toda a Igreja: “A missão começa em nosso próprio coração, passa pela família, pela comunidade, pela

paróquia e se estende até os confins da terra”.

O Bispo destacou que celebrar os 100 anos do Dia Mundial das Missões não significa apenas recordar um acontecimento histórico, mas renovar o compromisso evangelizador. Recordou, ainda, a atualidade do ensinamento de São João Paulo II sobre a missão *ad gentes* e o impulso dado pelo Papa Francisco à compreensão de uma “Igreja em saída”.

Dom Carlos também apontou alguns dos atuais campos da missão: as grandes cidades, as periferias, as realidades dos jovens, dos pobres, dos migrantes e o ambiente digital. Mais do que estratégias pastorais, ressaltou, a missão necessita de discípulos apaixonados por Jesus Cristo e capazes de irradiar o Evangelho com a própria vida.

“Celebrar os 100 anos do Dia Mundial das Missões é renovar nossa resposta ao mandato de Cristo”, concluiu, fazendo votos de que o Congresso fortalecesse as comunidades e renovasse em todos o ardor evangelizador.

NOVAS FRONTEIRAS

A programação prosseguiu com o painel “Experiências missionárias no mundo de hoje”, conduzido pelo Padre José Miguel Portillo, CSSp. Com o tema “Das fronteiras do mundo às periferias da vida”, o Sacerdote destacou que a missão precisa atravessar não apenas fronteiras geográficas, mas também as fronteiras humanas presente nas cidades, bairros, famílias e no coração das pessoas.

Partindo de sua experiência na Paróquia Santíssima Trindade, no Recanto dos Humildes, em Perus, Região Brasilândia, Padre José Miguel ressaltou a disposição do missionário para também aprender com aqueles aos quais é enviado: “Eu não fui simplesmente evangelizar a periferia. A peri-

feria também me evangelizou”.

Ainda pela manhã, o Padre Antonio de Lisboa Lustosa conduziu o painel “Desafios e oportunidades para a missão hoje”. À tarde, os participantes se reuniram em grupos de trabalho, organizados pelas regiões episcopais, e, posteriormente, compartilharam suas reflexões em assembleia.

O Congresso foi concluído com mensagem e bênção de envio de Dom Celso Alexandre, reafirmando o propósito que atravessou toda a jornada: renovar na Igreja em São Paulo a consciência de que a missão não é tarefa de alguns, mas vocação permanente de todo o Povo de Deus.

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

No site do jornal **O SÃO PAULO**, você acessa conteúdos atualizados sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Publicada a mensagem do Papa para o XI Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação
<https://curt.link/VlfSc>

Coleta para o 19º Congresso Eucarístico Nacional será realizada em 5 e 6 de setembro
<https://curt.link/grLEk>

CNBB apoia Conselho Federal de Medicina em pedido de julgamento no STF sobre a proibição da assistolia fetal
<https://curt.link/QOQha>

Na Amazônia, Diácono seminarista Leonardo encontra uma Igreja ‘viva, participativa e desejosa de crescer na fé’
<https://curt.link/ltMZE>

Dom Odilo Scherer: ‘Maria nunca nos desviará de Jesus’

DESTACOU O ARCEBISPO DE SÃO PAULO NO CONGRESSO DO APOSTOLADO DO ROSÁRIO E DO MANTO DA SANTÍSSIMA VIRGEM DE GUADALUPE, REALIZADO NO SÁBADO, 22

NATHALIA SANTOS
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O papel da Virgem Maria no crescimento espiritual da Igreja está diretamente relacionado à sua união com Cristo e ao testemunho de fé, esperança, caridade e perseverança que ela oferece aos cristãos. Essa foi uma das principais reflexões apresentadas pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer durante a conferência “A importância da Virgem Maria no processo de crescimento espiritual”, no sábado, 22, durante o Congresso do Apostolado do Rosário e do Manto da Santíssima Virgem de Guadalupe, realizado na Abadia de Santa Maria, na zona Norte de São Paulo.

MARIA SEMPRE CONDUZ A CRISTO

Dom Odilo destacou que Maria ocupa um lugar singular na vida da Igreja porque está intimamente ligada ao mistério de Cristo por desígnio de Deus. Jesus, Filho de Deus desde toda a eternidade, nasceu de Maria e, por meio dela, se fez homem. Por isso, conforme explicou o Arcebispo, a Igreja tem Nossa Senhora em tão alta estima.

O Cardeal também recordou que, na cruz, Jesus entregou sua Mãe a João, estabelecendo uma relação materna que alcança toda a comunidade dos fiéis. Assim, mesmo já participando da plenitude da salvação, Maria permanece ligada à Igreja e continua a exercer sua missão materna, intercedendo por seus filhos.

“Maria nunca nos desviará de Jesus. Ela nos leva até Ele”, afirmou o Cardeal, ressaltando que a devoção mariana deve ser sempre compreendida em relação a Cristo, à Igreja e ao mistério da salvação.

Dom Odilo também recordou a passagem bíblica das Bodas de Caná e destacou que Maria continua apontan-



Dom Odilo palestra no evento do apostolado do manto da Virgem de Guadalupe

do para Jesus. Naquele episódio, suas palavras aos servidores foram: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Segundo o Arcebispo, também nas aparições marianas reconhecidas pela Igreja, Nossa Senhora lembra a todos sobre o Evangelho e convida à conversão, à penitência e à oração.

“Olhando para Maria, a Igreja olha para o seu futuro”, afirmou o Cardeal. Ela é a primeira entre os santos e permanece próxima de Deus, apresentando as súplicas de seus filhos. Também lembrou que a maternidade de Maria se manifesta de modo particular aos que enfrentam mo-

mentos de dor e aflição.

Por fim, Dom Odilo destacou que a verdadeira devoção a Maria não se resume à veneração, mas conduz à transformação da própria vida; e comentou que a forma mais importante de honrar Nossa Senhora é imitar suas virtudes. Ele sublinhou que Maria é mulher de fé, esperança e caridade, perseverante e plenamente disponível aos desígnios de Deus.

O CONGRESSO E O MANTO DE GUADALUPE

A conferência de Dom Odilo foi

parte do Congresso que ocorreu entre a sexta-feira, 21, e o domingo, 23, promovido pelo Apostolado do Rosário e do Manto da Santíssima Virgem de Guadalupe, iniciado no México, em 2010, com a proposta de levar o manto mariano a famílias e comunidades, favorecendo a oração, a evangelização e as ações de cuidado.

Os primeiros mantos numerados foram acolhidos na Arquidiocese de São Paulo em agosto de 2025. Durante o Congresso, foram entregues outros 11, destinados a grupos do Apostolado nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Ceará, Santa Catarina e Goiás.

Em todo o Brasil já circulam 39 mantos, nos quais, de um lado, há a representação das estrelas tal como aparecem na tilma de San Juan Diego; e, de outro, um mapa-múndi bordado com símbolos de fé; o estado de Jalisco, onde o Apostolado teve início; a Cidade do México, com a imagem da Virgem, indicando o local da aparição; o Vaticano, representado pelas chaves de Pedro, sinal do Santo Padre como guia da Igreja; Belém, com as letras “JHS”, referência ao Pão da Vida; e, por fim, a cidade para onde cada manto é enviado.

Jorge Shintani, custódio do Manto, destacou a reportagem do **O SÃO PAULO** que, entre os frutos deste apostolado, estão as visitas a doentes, hospitais, casas de repouso e grupos de oração. Este sacramental também é levado à matriz da Paróquia Santa Genevra, na Região Sé, no terceiro sábado de cada mês, às 11h; e, mensalmente, à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Leopoldina, na Região Lapa.

Saiba mais detalhes no Instagram (@apostoladomantoguadalupe).

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você .com.br

Loja Senador
R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino
R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

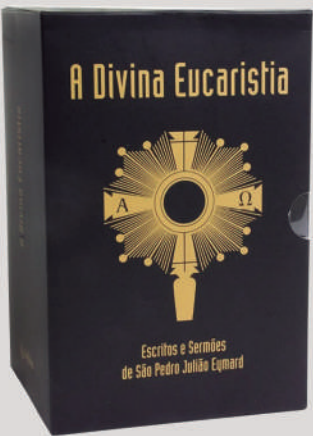
Loja Santos
R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas
R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A livraria mais completa do Brasil em
livros e artigos católicos



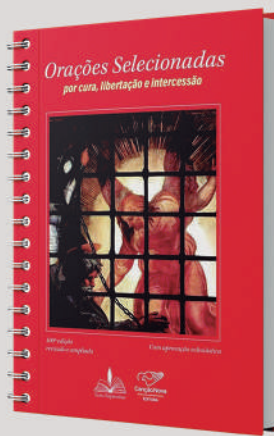
SÃO PIER FRASSATI
De: R\$ 34,90
POR: R\$ 27,90



A DIVINA EUCARISTIA
De: R\$ 182,00
POR: R\$ 145,60



O SANTO ROSÁRIO
R\$ 39,90



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,90
POR: R\$ 21,50

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br



BRASILÂNDIA



Pascom regional

Entre os dias 17 e 20, foi realizada a **Formação Regional Bíblica**, abrangendo os quatro decanatos da Região Brasilândia, com um itinerário de estudo e reflexão que teve como foco o livro do profeta Daniel. Conduziram as reflexões os Padres Antônio Cláudio Neres de Souza, CRL, Pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria, Decanato São Filipe; Sílvio Costa Oliveira, Pároco da Paróquia Santos Apóstolos, do mesmo Decanato; Dorival Ferreira Leite, CRL, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral do Laicato; e o Frei Marx Rodrigues dos Reis, Pároco da Paróquia Santa Cruz, Decanato São Filipe. O público por decanato foi, em média: São Pedro (70 pessoas), São Barnabé (80), Santa Isabel e São Zacarias (80) e São Filipe (90).
(por Monique C. Leite)



Paulo Henrique Sales

No sábado, 22, foi realizada a **Formação de Música e Liturgia para o Decanato Santa Isabel e São Zacarias**, na Paróquia São Judas Tadeu, Vila Miriam, conduzida pelo maestro Delphim Porto. Participaram cerca de 70 agentes de pastoral.
(por Thomaz Diniz)

No dia 16, Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, a **Paróquia Nossa Senhora do Retiro**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, encerrou a 51ª novena em honra à padroeira. Ao longo dos nove dias, a comunidade paroquial foi convidada a refletir e vivenciar as obras de misericórdia, aprofundando o chamado cristão ao amor, à caridade e ao serviço ao próximo.
(por Pascom paroquial)



Patrícia Beatriz Lopes

Aconteceu no sábado, 22, no Convento Santa Lúcia Filippini, no bairro Itaberaba, a **Manhã de Espiritualidade da Comissão Testemunho da Caridade da Região Brasilândia**. A formação foi assessorada pelo Padre Erly Avelino Guillen Moscoso, MSA, Coordenador regional da Comissão. Participaram representantes das paróquias e membros das pastorais sociais. O objetivo foi fortalecer a missão evangelizadora a partir do testemunho da fé e promover a renovação da espiritualidade e da caminhada pessoal e comunitária de cada participante.
(por Patrícia Beatriz Lopes)

No dia 19, na **Paróquia Imaculado Coração de Maria**, Decanato São Filipe, aconteceu a Hora Santa do Apostolado da Oração, conduzida pelos Padres Antônio Cláudio Neres de Souza, CRL, Pároco, e Walter Merlugo Júnior, Pároco da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Decanato Santa Isabel e São Zacarias e Diretor Espiritual regional do Apostolado da Oração e do Movimento Eucarístico Jovem (MEJ).
(por Pascom paroquial)

IPIRANGA



Pascom paroquial

Após novena preparatória, os fiéis da **Paróquia São Bernardo de Claraval**, Decanato Santo André, comemoraram o seu padroeiro na quinta-feira, 20, com missa solene presidida por Dom Celso Alexandre e concelebrada pelos Padres José Cícero Teotonio da Silva, Administrador Paroquial, e Alexandre Batista, da Diocese de Ourinhos (SP). Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga destacou as virtudes do Santo, ressaltando que elas são como os trajes que todo discípulo de Cristo deve vestir em sua caminhada de fé. Falou ainda que, a exemplo de São Bernardo, todos são chamados a guardar na vida o amor ao Senhor, à Palavra de Deus, à Igreja, a Jesus e a Nossa Senhora, bem como o cuidado e a atenção para com os mais necessitados.
(com informações de Padre José Cícero Teotonio da Silva)



Dalara Azevedo

Com o objetivo de otimizar a integração dos grupos paroquiais e reorganizar a estrutura da **Pastoral da Comunicação da Região Ipiranga**, foi realizada na segunda-feira, 24, uma reunião das lideranças paroquiais da Pascom. Na ocasião, Dom Celso Alexandre recordou os objetivos gerais desta Pastoral em nível nacional e arquidiocesano e os desafios encontrados na comunicação da Região Episcopal. Padre Jorge Bernardes, Vigário-Geral Adjunto, apresentou questões relacionadas à otimização da estrutura comunicacional da Região, especialmente sobre a utilização das redes sociais para a divulgação dos trabalhos realizados nas paróquias. Por fim, foi definida uma nova estrutura de coordenação da Pascom no Ipiranga, de forma colegiada, com representantes dos três decanatos, e a contratação de um especialista que atuará na administração da comunicação institucional da Região e dará suporte formativo aos agentes. Também participaram da reunião o Padre José Cícero Teotonio da Silva, Assistente Eclesiástico regional da Pascom, e o Padre José Maria Mohamed Júnior, Coordenador regional de Pastoral.
(por Karen Eufrosino)



Pascom paroquial

Na quinta-feira, 20, os membros do **Apostolado da Oração da Região Ipiranga** visitaram os seminaristas da etapa da Configuração no Seminário de Teologia Bom Pastor, no bairro do Ipiranga. Todos participaram de um momento de formação e meditação e da missa presidida pelo Padre Sidnei Fernandes Lima, Vice-Reitor do Seminário.
(com informações de Nilza Kobayashi)

Com missa, Associação Amparo Maternal comemora 87 anos

COMUNICAÇÃO DO AMPARO MATERNAL

Na quinta-feira, 20, na sede do Amparo Maternal, no bairro Vila Clementino, foi celebrada a missa em ação de graças pelos 87 anos da instituição, reunindo apoiadores, colaboradores, voluntários, doadores e famílias atendidas.

A Eucaristia foi presidida por Dom Celso Alexandre e concelebrada pelo Padre Jorge Bernardes, Diretor Eclesiástico da entidade, com a assistência do Diácono Nilson Amâncio.

Na homilia, a mensagem central do Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga ressoou

como um lembrete do propósito que sustenta a obra desde a sua fundação: “Foi Deus quem preparou essa festa e chamou a cada um. E esperou os seus filhos. Celebramos o quanto o Amparo Maternal é importante para nós e para tantas pessoas que experimentam o grande milagre do amor de Deus pelo ser humano”.

Nestas quase nove décadas, o Amparo Maternal consolidou-se como instituição de acolhida, oferecendo às gestantes e mães em situação de extrema vulnerabilidade uma estrutura completa de autonomia, suporte psicológico, profissionalização e garantia de futuro para elas e seus bebês.



Comunicação Amparo Maternal

SANTANA

Dom Márcio Antonio faz visita pastoral à Paróquia São Francisco Xavier

PASCOM REGIONAL

Entre os dias 20 e 22, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, realizou visita pastoral à Paróquia São Francisco Xavier, Decanato São Tiago de Zebedeu. Acompanhado do Padre Aloizio José Nunes de Azevedo Júnior, Pároco, e do Diácono Gilson Crema, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana conheceu as instâncias pastorais e administrativas da Paróquia, visitou o comércio do bairro e levou esperança aos enfermos e idosos.

Com palavras de incentivo, Dom Márcio tratou sobre a caminhada pastoral das comissões do Anúncio, Santificação e Testemunho da Caridade, para que seus membros, de maneira sinodal e iluminados pelas novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2026–2032), possam fortalecer o sentido de pertença e preparar-se para a elaboração e vivência do Plano Arquidiocesano de Pastoral, em fase de construção.

No sábado, 22, na missa que encerrou a visita pas-



Pascom paroquial



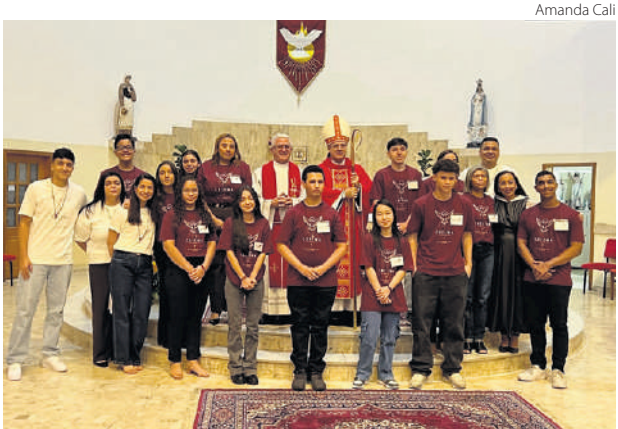
Nadyne Haxkar de Souza

toral, Dom Márcio conferiu o sacramento da Confirmação a 14 jovens e encorajou-os a viver em comunhão e participação, assumindo seu papel como protagonistas na vida e missão da Igreja.

Ao final da missa, Padre Aloizio José agradeceu a visita pastoral do Bispo, destacando o múnus de

ensinar, santificar e governar, próprio do ministério episcopal. Disse ainda que a convivência com o Episcopo deu novo alento à comunidade para a continuidade dos trabalhos pastorais.

(Com informações do Padre Aloizio José e de Fernando Fernandes)



Amanda Cali



Denilson Rabelo

Em missa na tarde do domingo, 23, na **Paróquia Santa Zita e Nossa Senhora do Caminho**, Decanato São Tiago de Zebedeu, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, conferiu o sacramento da Crisma a 14 jovens e adultos. A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre Maurício Vieira de Souza, Pároco. **(por Fernando Fernandes)**

Em missa no dia 19, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, apresentou os Padres Salvador Ruiz Armas como Administrador Paroquial (à direita do Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana) e Rômulo Freire Barroso como Vigário Paroquial (à esquerda do Episcopo) da **Paróquia Santa Luzia**, Decanato Santo Estêvão. Na ocasião, foi confirmada a provisão do Padre Salvador como Pároco da Paróquia São Domingos Sávio, no mesmo Decanato, por mais três anos. Na homilia, Dom Márcio refletiu sobre o cuidado, a responsabilidade e a missão confiados por Deus aos pastores de Seu povo. **(por Denilson Rabelo)**

BELÉM

‘São Pio X nos ensina que nada podemos fazer nem restaurar sem Jesus’

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na noite da sexta-feira, 21, foi celebrada a festa do copadroeiro da Paróquia Santa Luzia e São Pio X, Decanato Santa Maria Madalena, com missa solene presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada pelos Padres Reginaldo Donatoni, Pároco e Decano, e Lauricio José Pipper, Colaborador, com a assistência do Diácono Carlos Ribeiro.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém refletiu sobre o legado de humildade e profundo amor a Jesus Cristo deixado por São Pio X e recordou o grande lema do santo Pontífice “Tudo restaurar em Cristo”, destacando sua autêntica vivência eclesial.

“São Pio X nos ensina que nada podemos fazer nem restaurar sem Jesus Cristo. Tudo Nele, por Ele e para Ele”,



Pascom paroquial

afirmou o Bispo.

Ao meditar sobre o Evangelho, que narra o diálogo do Cristo Ressuscitado com o Apóstolo Pedro (cf. Jo 21,15-17), o Episcopo aprofundou o sentido do amor e da fé e explicou que a tríplice pergunta de Jesus revela a condescendência divina, um movimento de “abaixamento” no qual Deus acolhe a limitação humana.

O Bispo explicou que Jesus convida Pedro a um amor sublime, mas, diante da fragilidade do Apóstolo, adequa-se à sua capacidade de afeto sincero. “Não conseguimos amá-Lo no amor exigente. E Ele, portanto, aceita o nosso afeto”, sublinhou Dom Cícero, lembrando, ainda, que a missão pastoral de apascentar as ovelhas só é confiada a Pedro após essa confirmação.

Ao final da celebração, Dom Cícero concedeu a bênção aos fiéis utilizando uma relíquia de São Pio X.



José Luiz Altieri

No dia 19, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **capela do Arsenal da Esperança**, em ação de graças pelo 100º aniversário natalício da senhora Celeste Gomes Correia, voluntária do Arsenal da Esperança desde sua fundação. A Eucaristia foi concelebrada pelos Padres Simone Bernardi, Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Casaluce; Lorenzo Nachel, Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida dos Ferrovários; e Yago Barbosa, Administrador Paroquial da Paróquia Nossa Senhora das Graças. **(por Comunicação do Arsenal da Esperança)**



Pascom paroquial

Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São João Batista, no Jardim Colonial**, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, na noite do domingo, 23, e conferiu o sacramento da Confirmação a 19 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Vanderlei Roque, SDS, Pároco, com a assistência do Diácono Carlos Ribeiro. **(por Kaique Mazaia)**

SÉ

Jovens e famílias participam do evento ‘Celebrando as Vocações’

POR SECRETARIADO DE COMUNICAÇÃO REGIONAL

A Pastoral Vocacional regional promoveu, no sábado, 22, na Paróquia São Januário, Decanato São Paulo, o encontro “Celebrando as Vocações”, reunindo jovens, famílias, agentes de pastoral e membros das comunidades para uma tarde de oração, testemunhos, celebração e fraternidade.

Realizado no Mês Vocacional, o encontro teve como objetivo favorecer a reflexão sobre o chamado de Deus e a importância de promover uma cultura vocacional nas comunidades. Ao lon-

go da programação, foram destacadas diferentes experiências de vocação e missão por meio de testemunhos sobre a vida familiar, consagrada e sacerdotal.

Um dos momentos centrais foi a celebração da missa, presidida por Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e concelebrada pelo Padre Wellington Laurindo, Pároco e Assistente Eclesiástico regional da Pastoral Vocacional, com a participação de vocacionados e seminaristas da Arquidiocese, que juntos rezaram a Oração pelas Vocações. O encontro foi concluído com um momento de adoração e confraternização.



Pascom paroquial

Padroeira da Paróquia Nossa Senhora Achiropita é solenemente festejada

PASCOM PAROQUIAL

No dia 15, a comunidade de fiéis da Paróquia Nossa Senhora Achiropita, Decanato São João Evangelista, participou da missa solene na memória litúrgica da padroeira, presidida por Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé.

Em 2026, a Paróquia e sua tradicional festa italiana completam 100 anos de história. As celebrações do centenário tiveram início com a Novena de Nos-



Pascom paroquial

sa Senhora Achiropita, realizada de 6 a 14 de agosto, reunindo a comunidade em momentos de oração e preparação para a festa.

No dia 16, houve a tradicional Procissão de Nossa Senhora Achiropita, conduzida pelos Padres Adilson Rodrigues da Silva, PODP, Pároco, e Atalmir Gabriel Jonas da Silva, PODP, Vigário Paroquial, após a qual foi celebrada a missa. Os festejos prosseguem até o dia 30 deste mês. Leia mais detalhes sobre o centenário da Paróquia nesta reportagem publicada pelo O SÃO PAULO: <https://curt.link/nPdHZ>.



Pascom paroquial

No domingo, 23, foi celebrada a festa da padroeira da **Paróquia Santa Rosa de Lima**, Decanato São João Evangelista, com missa solene presidida pelo Cônego Severino Martins, Pároco. Após a celebração, houve a procissão pelas ruas do bairro.

(por Secretariado de Comunicação Regional)



Pascom paroquial

Na sexta-feira, dia 21, em celebração eucarística na **Paróquia Santa Generosa**, Decanato São Tiago de Alfeu, Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo na Região Sé, conferiu o sacramento da Crisma a 64 jovens e adultos.

(por Secretariado de Comunicação Regional)



Pascom paroquial

A comunidade boliviana da **Paróquia Pessoal dos Fiéis Latino-Americanos**, no Decanato São João Evangelista, celebrou, no sábado, 22, a Festa de Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia. A celebração, na Igreja Nossa Senhora da Paz, teve início com uma procissão com a imagem da Virgem de Copacabana, seguida de missa, presidida pelo Padre Irmani Borsatto, Pároco. Após a missa, os fiéis participaram de apresentações de fraternidades folclóricas bolivianas.

(por Secretariado de Comunicação Regional)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital fica convocado (a) o (a) Sr. (a) **ALTAIR CARRÃO**, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assuntos que lhe dizem respeito.

São Paulo, 26 de agosto de 2026.
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital fica convocado (a) o (a) Sr. (a) **CAIO CHRISOSTOMO DOS SANTOS**, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assuntos que lhe dizem respeito.

São Paulo, 26 de agosto de 2026.
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

LAPA

Dom Edilson realiza visita pastoral à Paróquia Cristo Jovem

BENIGNO NAVEIRA
COLABORADOR DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

Entre os dias 19 e 23, Dom Edilson de Souza Silva realizou visita pastoral à Paróquia Cristo Jovem, Decanato São Simão.

O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa foi acolhido pela comunidade de fiéis e pelo Padre José Almir Paim, OSB, Administrador Paroquial, que o acompanhou nas atividades realizadas, entre as quais visitas a comércio e às casas de paroquianos enfermos, nas quais partilhou a Pala-



Benigno Naveira

vra de Deus e ministrou o sacramento da Unção dos Enfermos.

Na matriz paroquial, o Bispo se encontrou com catequistas, catequizan-

dos e seus pais, com os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão e os membros dos conselhos Fiscal e Pastoral. Além disso, presidiu missas, após as quais conversou com vários paroquianos, conhecendo um pouco a realidade da participação e de convivência na Paróquia. Também inspecionou, na secretaria paroquial, os livros de registros de Batismo, Matrimônio e Crisma, além do livro do Tombo.

Na manhã do domingo, 23, Dom Edilson presidiu missa, concelebrada pelo Padre José Almir, que agradeceu a visita pastoral do Bispo.



Benigno Naveira

No sábado, 22, foi celebrada a memória litúrgica da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz**, na Vila Ida, Decanato São Simão, com missa solene presidida por Dom Fernando José Penteadado, Bispo Emérito de Jacarezinho (PR), e concelebrada pelo Padre Geraldo Raimundo Pereira, Pároco.

(por Benigno Naveira)



Benigno Naveira

No sábado, 22, aconteceu a **Tarde Vocacional e de Espiritualidade**, organizada pela Pastoral Vocacional regional, no Rincão Vocacional Santo Aníbal, pertencente à Paróquia Nossa Senhora das Graças, Decanato São Tito. O evento foi conduzido pelo Padre Cleyton Pontes Silva, Pároco da Paróquia Cristo Rei, do mesmo Decanato. Os cerca de 100 participantes foram apresentados aos diversos caminhos vocacionais, em uma palestra que tratou a respeito do Matrimônio, vida religiosa e vida sacerdotal. O encontro foi encerrado com a missa, presidida pelo Padre Cleyton. Também participaram do evento os Padres Orisvaldo da Silva Carvalho, Assistente Eclesiástico da Pastoral Vocacional e Promotor Vocacional da Região Lapa; Airton Conceição de Almeida, RCJ, e Rodrigo Benjamin Chaparro Cabral, RCJ, respectivamente, Pároco e Vigário Paroquial da Paróquia que acolheu a atividade.

(por Redação, com informações de Benigno Naveira)



Pascom da Paróquia Santíssima Trindade

Entre os dias 19 e 21, aconteceu a **Semana de Liturgia da Região Lapa**, com formações nos Decanatos São Tito (na Paróquia São Domingos Sávio), São Bartolomeu (Paróquia Santíssima Trindade) e São Simão (Paróquia Nossa Senhora de Fátima). Foram palestrantes o Padre Dom André Alves dos Santos, OSB, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral da Liturgia, que refletiu sobre “Conhecer para bem celebrar: Estudo acessível da Instrução Geral do Missal Romano (IGMR) como guia prático para a equipe de liturgia”; o maestro Delphim Rezende Porto, doutor em Musicologia pela USP e diretor de música da Catedral da Sé, que falou sobre a missão dos músicos na liturgia, o papel teológico do canto sacro e a música como parte integrante da celebração; e o Padre Vitor Fernandes Battisti Petris, também Assistente Eclesiástico regional da Pastoral da Liturgia, que abordou o trabalho das equipes envolvidas na preparação e realização das celebrações. Dom Edilson de Souza Silva participou das atividades.

(por Benigno Naveira)



Benigno Naveira

Na quinta-feira, 20, o **Núcleo da Região Lapa da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)** realizou na Casa Santa Terezinha, das Irmãs Salesianas, Decanato São Simão, um encontro com os consagrados que atuam na Região. A atividade começou com a missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva e concelebrada pelo Padre Dom André Alves dos Santos, OSB, organizador do evento, e o Padre Cícero Cesar Furtado, SJC, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Líbano, Decanato São Tito. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa ressaltou a riqueza que os diversos carismas representam para a Igreja. Após a missa, os religiosos falaram sobre os desafios da vida consagrada e os projetos referentes ao trabalho do Núcleo.

(por Benigno Naveira e Padre Dom André Alves dos Santos, OSB)

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE PÁROCO

Em 13/08/2026, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia São Mateus Apóstolo**, no bairro São Mateus, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, Região Episcopal Belém, o **Reverendíssimo Padre Felipe Batista da Silva**, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 13/08/2026, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto**, no bairro Tatuapé, Decanato São Lucas, Região Episcopal Belém, o **Re-**

verendíssimo Padre Miguel Lisboa Aguiar Marcondes, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 13/08/2026, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Santa Bernadette**, no bairro Vila IVG, Decanato Santa Maria Madalena, Região Episcopal Belém, o **Reverendíssimo Padre Elias Honório de Castro**, pelo período de **06 (seis) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL

Em 13/08/2026, foi nomeado e

provisionado como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto**, no bairro Tatuapé, Decanato São Lucas, Região Episcopal Belém, o **Reverendíssimo Cônego José Miguel de Oliveira**, “até que se mande o contrário”.

Em 13/08/2026, foi nomeado e provisionado como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Santa Bernadette**, no bairro Vila IVG, Decanato Santa Maria Madalena, Região Episcopal Belém, o **Reverendíssimo Padre Denis Oliveira Alves**, “até que se mande o contrário”.

POSSES DE OFÍCIO

Em 19/08/2026, foi dada a posse canônica como **Administrador Paroquial** da **Paróquia Santa Luzia**, bairro Água Fria, Decanato Santo Estêvão, Região Episcopal Sant’Ana, ao **Reverendíssimo Padre Salvador Ruiz Armas**.

Em 19/08/2026, foi dada a posse canônica como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Santa Luzia**, bairro Água Fria, Decanato Santo Estêvão, Região Episcopal Sant’Ana, ao **Reverendíssimo Padre Rômulo Freire Barroso**.

Itália

Em documento, bispo afirma que funeral católico e missa não são meros atos sociais nem homenagens aos falecidos

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

No dia 15, Dom Antonio Suetta, Bispo de Ventimiglia–San Remo, na Itália, apresentou o documento [Funerais eclesiais: um manual e disposições legais e pastorais](#) (texto original em italiano), que descreve como sua Diocese deve lidar com funerais católicos. Sua intervenção surge após um incidente em Camporosso, no dia 8, ocasião em que o Episcopo italiano suspendeu os planos para o funeral católico de um proeminente maçom, lembrando que a filiação à maçonaria permanece incompatível com a fé católica e que, nas condições previstas pelo Direito Canônico e, também, por fidelidade à doutrina, os funerais religiosos podem ser negados. É importante esclarecer, no entanto, que negar um funeral não equivale a declarar a condenação da alma de uma pessoa: a Igreja não reivindica autoridade para ditar o destino eterno de um indivíduo.

O documento abrange um escopo muito mais amplo do que a controversia que o motivou e levanta uma questão que transcende as fronteiras

da Itália: qual é exatamente o propósito de um funeral católico? A resposta é clara, direta e necessária: a igreja não é sala de recepção, nem cenário solene de homenagem civil, muito menos teatro mundano dos últimos adeuses. Os funerais católicos, como atos da Igreja, têm três propósitos principais: rezar pela alma do falecido, honrar o corpo destinado à ressurreição e oferecer aos vivos a consolação da esperança cristã.

A celebração não existe, em primeiro lugar, para contar a biografia de alguém ou organizar um tributo. São “ações sagradas”, ordenadas especialmente à oração de sufrágio. Dom Antonio recoloca no centro o que a cultura contemporânea frequentemente prefere contornar: as realidades últimas do ser humano – morte, juízo, inferno e paraíso. Daí as orientações práticas: elogios fúnebres longos, testemunhos pessoais e aplausos não são permitidos durante a missa; quaisquer breves palavras de lembrança da fé devem ser combinadas previamente e proferidas no final da celebração – fora do ambão – ou no cemitério; a música precisa respeitar o caráter sagrado do

lugar e da liturgia; decorações e iniciativas particulares não podem transformar o santuário em espaço dedicado apenas à memória do falecido.

Outro fenômeno recorrente é a tentativa de personalizar excessivamente a celebração: músicas mundanas, vídeos longos, depoimentos que se estendem por minutos e transformam a missa em “show de testemunhos”. Dom Antonio insiste que essas formas de memória cabem melhor em outros espaços – homenagens civis ou encontros familiares. Na igreja, o protagonista não é aquele que se vai; é Cristo, a oração da Igreja e a misericórdia de Deus.

A resposta cristã à morte não se resume a preservar a memória de alguém, mas a entregá-lo a Deus. É por isso que Dom Antonio rejeita o que ele descreve como a “secularização” da morte. Quando o funeral se torna principalmente um exercício de recordação da personalidade, das realizações e das preferências do falecido, a proclamação cristã da morte e da ressurreição pode ser relegada a um segundo plano.

Fontes: Diocese de Ventimiglia – San Remo, Tribune Chrétienne e Gaudium Press

Liturgia e Vida

‘Seduziste-me, Senhor!’

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM
30 DE AGOSTO DE 2026

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Prevendo os sofrimentos de Jeremias, Deus lhe prometeu: “Lutarão contra ti, mas nada poderão, pois Eu estou contigo” (Jr 1,19). O Senhor tem um desígnio para nós; ainda que haja dores pelo caminho, Ele jamais nos abandona! Apesar disso, no momento mais duro da prova, quando as promessas divinas pareciam distantes, o profeta se lamentou: “Seduziste-me, Senhor, e deixei-me seduzir” (Jr 20,7).

O sofrimento e a injustiça vêm à nossa vida em um momento, de um modo, e em uma intensidade diferentes daquilo que esperávamos. Ainda que estejamos dispostos a enfrentar adversidades por amor a Deus, os bons propósitos e a confiança são postos à prova. Questionamos, então, o porquê dos acontecimentos; nutrimos um desejo impaciente de justiça; sentimos que a dor é inútil e poderia ser evitada; culpamo-nos; perdemos a paz, achando que as dificuldades nos impedem de viver. Essa luta interior aconteceu a Jeremias, a Jó e a tantos outros!

Diante do mal que não pode ser mudado, há até quem julgue o Senhor, exigindo-Lhe respostas, e recriminando-O pela injustiça e pela dor dos homens. Essa atitude se difunde em uma sociedade cada vez mais soberba e, portanto, incapaz de suportar contrariedades. Outros, em vez disso, tentam dar uma explicação fácil aos sofrimentos concretos: “Acontece por causa disto ou daquilo”; “Com certeza, é punição divina”; “Não, Deus não castiga” etc. Arriscam-se a receber a reprimenda: “Não pensas as coisas de Deus, mas, sim, as coisas dos homens!” (Mt 16,23). Há situações diante das quais podemos apenas aceitar e, com humildade e reverência, silenciar.

A única certeza é que se o Senhor permite um aparente mal, é porque Ele quer tirar disso um bem maior. É preciso aceitar sem rebelião o desafio de cada dia! Sabendo que passamos por provações e cansaços, o Senhor nos previne: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16,24). Não é um convite à resiliência fria: devemos abraçar a cruz com amor! Na sua Agonia, Paixão e Morte, Cristo sentiu o peso de todos os pecados, injustiças e sofrimentos do mundo. Fez isso para nos salvar e para consolar os que sofrem.

Somente no Céu haverá uma vida sem sofrimentos. Jesus, porém, veio conferir um sentido aos sofrimentos presentes. Não se trata de “entender o porquê” de tudo, mas de aceitar e de saber que não estamos sozinhos e que a dor do cristão nunca é estéril! Aliás, tudo o que nos faz padecer pode ser oferecido por meio Dele como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12,1). Levamos espiritualmente os nossos ais à missa e os oferecemos por intenções concretas.

“Quem perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 16,25)... Quem se rebelar contra a dor, sofrerá ainda mais e endurecerá. Quem aceitar o que não pode ser mudado nem explicado, terá condições de fazer o “milagre da Cruz”. Este consiste em transformar a dor em amor, humildade, paciência, sabedoria, compreensão e até mesmo em... alegria! Deixemo-nos “seduzir” pela Cruz do Senhor!

Quênia

Conventos se tornam refúgios para mulheres que fogem da violência doméstica e buscam reconstruir suas vidas

Em todo o Quênia, uma epidemia silenciosa, porém devastadora, de violência de gênero continua a assolar muitos lares. De acordo com dados do Escritório Nacional de Estatísticas do Quênia, estima-se que 40% das mulheres quenianas entre 15 e 49 anos já sofreram violência física. Apesar desses números, a infraestrutura para proteger essas mulheres é precária.

Diante da escassez de casas de acolhimento formais e financiadas pelo Estado, muitas mulheres vulneráveis que fogem da violência doméstica enfrentam uma dura realidade. Aquelas que tentam denunciar seus agressores frequentemente sofrem estigma por parte dos vizinhos e pressão da família para perseverarem em nome da tradição cultural. Elas também permanecem em silêncio para evitar represálias por parte de seus parceiros.

Diante de tal realidade, pelo menos 10 conventos católicos em todo o Quênia se mobilizaram, transformando suas residências pacíficas em refúgios informais, abrindo suas portas para as sobreviventes. Entre as que lideram essa intervenção estão as Irmãs da Assunção de Nairóbi e as Irmãs de São Francisco.

As Religiosas atuam fora do sistema formal de abrigos do Quênia para evitar a burocracia e proteger o anôni-



Global Sisters Report

mato daquelas sob seus cuidados, redefinindo os limites de seus ministérios religiosos.

“Não podemos pregar o Evangelho da paz e fechar os olhos para mulheres que são oprimidas em seus próprios lares. Quando uma pessoa chega à nossa porta, de madrugada, sangrando, nosso primeiro juramento não é seguir regras ou protocolos, é defender a dignidade humana”, afirmou a Irmã Margaret Wahungu, Superiora-geral das Irmãs da Assunção de Nairóbi.

Dentro dos muros do convento, as Irmãs oferecem refúgio incondicional, abrigo temporário, roupas limpas e refeições quentes. Seu cuidado, porém, vai além da alimentação básica: há também aconselhamento emocional e psicológico intensivo, apoio em alfabetização jurídica e orientação para lidar com o difícil processo de reconstruir uma vida do zero. Além da proteção imediata, as

Irmãs se concentram fortemente na reabilitação a longo prazo das sobreviventes. Elas também auxiliam ativamente as mulheres a se reconectarem com segurança com familiares que as apoiam e estão dispostos a protegê-las de parceiros abusivos.

Seu trabalho, no entanto, é repleto de riscos. Operar esses abrigos informais exige total discrição.

Os conventos devem gerir cuidadosamente a sua visibilidade para evitar que maridos enfurecidos localizem as suas esposas e provoquem reações negativas da comunidade ou confrontos violentos.

As Irmãs optam por não divulgar a existência de seus refúgios. A informação sobre a disponibilidade deles se espalha por meio de redes comunitárias de confiança, capelães de igrejas e defensores locais dos direitos humanos.

“É uma cruz pesada, mas é uma cruz que carregamos com alegria”, disse outra religiosa, que preferiu não se identificar e está envolvida na coordenação de uma casa de acolhimento em Nairóbi.

“O desafio é que a demanda é enorme. Para cada mulher que acolhemos, sabemos que existem muitas outras que não conseguem chegar até nós ou que nem sabem que existimos”, afirmou ela. (JFF)

Fontes: Global Sisters Report e UCA News

Papa Leão XIV: ‘O mal não se combate com o mal. É o amor a lei da vida’

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Em visita pastoral à cidade italiana de Rimini, o Papa Leão XIV reafirmou alguns ensinamentos centrais da fé. No sábado, 22, após ir, pela manhã, a San Marino, ele participou do 47º Encontro pela Amizade entre os Povos.

Seguir Jesus, ensinou o Santo Padre, implica reconhecer que “o mal não se combate com o mal.” E completou: “Assim como no céu, também na terra o amor é a lei da vida, o caminho da redenção, do Messias crucificado”.

O chamado “Encontro de Rimini” é um grande festival cultural e internacional que, desde 1980, é organizado por iniciativa de alguns membros do movimento católico Comunhão e Libertação. Segundo os organizadores, o evento anual



surgiu do desejo de criar um espaço de encontro e diálogo entre pessoas de diferentes religiões, culturas e nações, com o objetivo de construir a paz e a convivência.

Ao chegar ao local do evento, o Mercado de Rimini, o Papa saudou os jovens, incentivando-os a ser promotores da dignidade de todas as pessoas. “Se houver comunhão no mundo, ela começa com vocês, jovens, pois sabem construir a comunhão por meio da amizade, sabem respeitar uns aos outros para construir a paz, e o mundo precisa de vocês, do seu entusiasmo, da sua caridade e da sua fidelidade”, afirmou. “O amor move, impele, desperta do torpor, desperta novas vocações e convida a arriscar.” Sobre o amor de Cristo pela humanidade, manifestado acima de tudo na Cruz, Leão XIV refletiu: “O amor redentor de Cristo é que nos leva a purificar nossos pensamentos, interesses, hábitos, relacionamentos, projetos, investimentos – todos os aspectos da vida – de tudo o que a cultura do poder contaminou.”

Em San Marino, Pontífice defende a liberdade na busca da verdade

Mais antiga república do mundo, San Marino recebeu o Papa Leão XIV em visita pastoral durante toda a manhã do sábado, 22. Embora a data tradicional de sua fundação seja o ano 301, o pequeno país europeu existe como república desde 1243, e conseguiu se manter soberano e independente de outras potências desde então. Essa característica levou o Pontífice a refletir sobre o conceito de “liberdade”. “Gostaria de ressaltar que não há verdadeira liberdade civil sem liberdade pessoal, ou seja, sem o respeito e a promoção da dignidade da pessoa humana, da qual a liberdade é um componente essencial”, afirmou, em discurso no Palácio Público da República. “Essa liberdade é concedida e garantida, em última instância, por Deus, cuja voz ressoa na consciência de cada ser humano.”



Em San Marino, Papa destaca que liberdade e comunhão estão ligadas

Sendo assim, ele defendeu que as nações mantenham espaço para a livre consciência de seus cidadãos. “Ainda hoje, em muitas partes do mundo, não faltam pessoas que permanecem fiéis à sua consciência mesmo em contextos de grande adversidade, testemunhando a verdadeira liberdade, aquela que deriva do fato de serem filhos e filhas de Deus”, completou. San Marino, que tem raízes cristãs e se inspira no Santo Diácono que dá nome ao país, hoje possui cerca de 33,6 mil habitantes. “Na visão cristã, a liberdade e a comunhão estão ligadas: ou ambas prevalecem ou ambas fracassam”, disse o Papa. “No caso de vocês, é sempre motivo de especial interesse o fato de que, na origem de sua comunidade, estão homens como São Marino e São Leão [dois cristãos do século IV], que podemos definir como construtores de cidades livres e pacíficas.” (FD)

A inteligência artificial nos desafia sobre ‘o que devemos fazer’, e não sobre ‘o que podemos fazer’

Os princípios da Doutrina Social da Igreja respondem aos mais importantes dilemas apresentados pelo rápido desenvolvimento tecnológico que vemos hoje, disse Leão XIV a um grupo de legisladores católicos que ele recebeu em audiência privada na sexta-feira, 21. O Papa comentou algumas das questões levantadas na encíclica *Magnifica humanitas*, por ele publicada em 15 de maio. “Cada avanço tecnológico também

coloca à humanidade uma questão moral: não apenas o que podemos fazer, mas o que devemos fazer? De fato, nossa família humana enfrenta hoje uma escolha decisiva”, afirmou. “A questão decisiva continua a mesma: a tecnologia ajuda as pessoas a se tornarem mais fraternas e responsáveis para consigo mesmas e umas para com as outras?” Nesse sentido, o Pontífice convidou os legisladores a promover leis que

incentivem a criatividade científica e tecnológica, mas, ao mesmo tempo, “que protejam os direitos humanos e as liberdades fundamentais”. Ele também alertou para “novas formas de dependência tecnológica” dos países mais pobres em relação aos mais ricos. A dignidade inviolável de cada pessoa, o bem comum, o destino universal dos bens, a subsidiariedade e a solidariedade são princípios que fornecem os critérios seguros para o discernimento.

“Peço que promovam políticas que fortaleçam o casamento e as famílias, apoiem os pais em sua missão educacional e permitam que os jovens encarem o futuro com confiança”, exortou o Papa. É preciso construir uma “civilização do amor” – disse, citando São Paulo VI – na qual a inteligência artificial seja regulada “com sabedoria, cultivando corações capazes de caridade, compaixão e responsabilidade”. (FD)

Cristo nos convida a uma relação autêntica e pessoal

“Quem é o Senhor para mim?” O Papa Leão XIV convidou todos os cristãos a se colocarem essa pergunta, buscando “permanecer abertos a uma relação autêntica com Cristo”. Durante a oração do *Angelus* no domingo, 23, na Praça São Pedro, ele afirmou que é preciso ir além do que se “ouve dizer” sobre a fé cristã. Não podemos nos acostumar com “os lugares comuns do que nos foi transmitido, talvez até com

boas intenções”, disse. “Jesus nos chama a uma resposta pessoal, a conhecê-Lo de perto, a deixar-nos tocar pela amizade com Ele, em um encontro sempre novo e que pode também nos pedir para percorrer estradas inéditas, e fazer escolhas diferentes daquelas imaginadas”, acrescentou. Também nas propostas de vida pastoral na Igreja,

é preciso ir além do que “sempre fizemos”, disse o Papa. “Eu conheço o Senhor de verdade? O que me pede hoje o seu Evangelho? Quais os passos e quais escolhas preciso realizar?” A reflexão foi sobre o Evangelho do dia, em que Jesus pergunta aos seus discípulos: “E vocês, quem dizem que eu sou?” (Mt 16,15), ao que Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. (FD)